

Universidades Lusíada

Andrade, Ana Carolina Teixeira de

Relações entre o comportamento alimentar e as experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência

<http://hdl.handle.net/11067/7615>

Metadados

Data de Publicação	2024
Resumo	<p>As experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência parecem associadas ao desenvolvimento de uma imagem corporal negativa. Paralelamente, a literatura tem sugerido uma relação linear entre insatisfação com a imagem corporal e a psicopatologia do comportamento alimentar. O presente estudo teve como objetivo explorar as associações entre experiências de vitimização relacionadas com a imagem corporal ocorridas durante a infância e adolescência e comportamento alim...</p> <p>Victimization's experiences during childhood and adolescence that are related to body image seem to be associated with the development of a negative body image. Simultaneously, literature suggests a linear relationship between body image dissatisfaction and eating behavior psychopathology. This study aimed to explore the associations between body image-related victimization's experiences during childhood and adolescence and eating behavior, examining whether these early experiences are predictor...</p>
Palavras Chave	Psicologia, Psicologia clínica, Comportamento alimentar - Obesidade - Crianças, Teste psicológico - Avaliação antropométrica - Questionário sociodemográfico, este psicológico - Questionário de Avaliação do Comportamento Alimentar (EDE-Q7), Teste psicológico - Escala de Experiências de Vitimização em relação à Imagem Corporal (BIVES)
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-13T09:24:47Z com informação proveniente do Repositório



Universidade Lusíada
Porto

Relações entre o Comportamento Alimentar e as Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Coporal na Infância e Adolescência

Dissertação de Mestrado em **Psicologia Clínica**

Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada

PORTO, 2024

Ana Carolina Teixeira de Andrade



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada



Universidade Lusíada
Porto

Relações entre o Comportamento Alimentar e as Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade Lusíada

PORTO, 2024

Ana Carolina Teixeira de Andrade

Trabalho efectuado sob a orientação do/a
Prof. Doutora Sofia Marques Ramalho



instituto de psicologia
e Ciências da Educação
Universidade Lusíada

Agradecimentos

Chegou ao fim a última etapa deste longo percurso marcado por muitas aprendizagens, muitos sorrisos e algumas lágrimas, onde nunca faltou a certeza de que o final seria incrível.

Aos meus pais agradeço-lhes por me incentivarem sempre a querer mais e melhor e por me deram a liberdade para explorar o Mundo. À minha irmã, por me mostrar que não importa quando, mas que os sonhos existem para ser realizados, e que só assim, é que a Vida faz sentido. Ela não sabe, mas, quando for grande, quero ser metade do que ela é!

Ao meu Kikas, apesar dos seus cinco anos, por me ensinar que podemos ser aquilo que quisermos. À minha Patrícia, por ser família e abraço-casa. À Madrinha Guida, por demonstrarem que o amor que nos une é sempre o mais importante. À minha Quel, por estar sempre e para sempre por perto.

À mana Catarina, a que é, para sempre, a família que escolhi, a que tem sempre disponível o abraço reconfortante e que acredita mais em mim do que eu mesma. À Maria, minha companheira de aventuras, de viagens e de Mestrado, que traz leveza às horas complicadas e muitas gargalhadas. À minha Lú, que foi colo em tantos momentos e que nunca me deixou desistir ou baixar os braços.

À Professora Sofia Ramalho, por todos os ensinamentos transmitidos, pelo apoio incondicional, pela preocupação e dedicação a este processo. Foi um privilégio poder ser espectadora do amor com que se dedica a todos os projetos.

A todos/as os/as restantes amigos/as, colegas e professoras com quem me fui cruzando ao longo destes últimos oitos anos.

Obrigada, levo-vos no coração!

Resumo

As experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência parecem associadas ao desenvolvimento de uma imagem corporal negativa. Paralelamente, a literatura tem sugerido uma relação linear entre insatisfação com a imagem corporal e a psicopatologia do comportamento alimentar. O presente estudo teve como objetivo explorar as associações entre experiências de vitimização relacionadas com a imagem corporal ocorridas durante a infância e adolescência e comportamento alimentar, examinando se estas experiências precoces são preditoras de psicopatologia do comportamento alimentar na idade adulta. A amostra, de conveniência, incluiu 265 adultos, com idades compreendidas entre os 18 e os 67 anos ($M = 32.17$; $DP = 12.79$), 81.9 % ($n = 217$) do género feminino. A recolha de dados foi realizada através de plataforma *online* (*QuestionPro*) tendo sido aplicados um conjunto de questionários de autorrelato sobre comportamento alimentar e experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância/adolescência. Os resultados indicam que a frequência das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância/adolescência está associada positivamente à insatisfação corporal ($r_s = .39, p < .001$), à restrição alimentar ($r_s = .17, p = .022$), e à preocupação com peso/forma ($r_s = .37, p < .001$). Não foram verificadas diferenças entre o estado ponderal e as experiências de vitimização. A frequência em que as experiências de vitimização em relação à imagem corporal durante a infância e adolescência foi identificada através de regressões lineares como preditora da preocupação com peso/forma ($B = 3,52, t = 5.98, p < .001$) e da insatisfação corporal ($B = 4,47, t = 7.54, p < .001$) em idade adulta. Este estudo contribui para a o conhecimento atual sobre comportamento alimentar, na idade adulta, permitindo a exploração de relações de associação entre as experiências prévias e o impacto das mesmas no quotidiano do sujeito.

Palavras-chave: Experiências de vitimização; Imagem corporal; Restrição Alimentar; Sobrevalorização do peso/forma; Comportamento alimentar; Adultos

Abstract

Victimization's experiences during childhood and adolescence that are related to body image seem to be associated with the development of a negative body image. Simultaneously, literature suggests a linear relationship between body image dissatisfaction and eating behavior psychopathology. This study aimed to explore the associations between body image-related victimization's experiences during childhood and adolescence and eating behavior, examining whether these early experiences are predictors of eating behavior psychopathology in adulthood. The convenience sample included 265 adults aged between 18 and 67 ($M = 32.17$; $SD = 12.79$), 81.9% ($n = 217$) female. Data was collected using an online platform (*QuestionPro*), and a set of self-report questionnaires on eating behavior and experiences of victimization in relation to body image in childhood/adolescence were applied. Results indicate that the frequency of body image victimization's experiences in childhood/adolescence is positively associated with body dissatisfaction ($r_s = .39$, $p < .001$), dietary restriction ($r_s = .17$, $p = .022$), and weight/shape concern ($r_s = .37$, $p < .001$). No differences were found between weight status and victimization experiences. The frequency of body image victimization experiences during childhood and adolescence, was identified through linear regressions, as a predictor of weight/shape concern ($B = 3.52$, $t = 5.98$, $p < .001$) and body dissatisfaction ($B = 4.47$, $t = 7.54$, $p < .001$) in adulthood. This study contributes to current knowledge about eating behavior in adulthood, allowing exploring association relationships between previous experiences and their impact on the subject's daily life.

Keywords: Victimization experiences; Body image; Food restriction; Weight/shape overvaluation; Eating behavior; Adults

Índice

Enquadramento Teórico	1
Comportamento Alimentar	3
Imagem Corporal.....	8
Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal / <i>Body Shaming</i>	13
Associações entre Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal, Imagem Corporal e Comportamento Alimentar	18
Questão de Investigação e Objetivos	20
Metodologia	23
Design de Investigação.....	23
Participantes	23
Instrumentos	23
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	23
<i>Dados Antropométricos</i>	24
<i>Questionário de Comportamento Alimentar (EDE-Q7)</i>	24
<i>Escala de Experiências de Vitimização em relação à Imagem Corporal (BIVES)</i>	25
Procedimentos	26
<i>Recolha de Dados</i>	26
<i>Análise de Dados</i>	27
Resultados	30
Caracterização da Amostra.....	30
Análises Correlacionais.....	31

Diferenças Entre Géneros ao Nível da Restrição Alimentar, Preocupação com Peso/Forma e Insatisfação Corporal.....	34
Diferenças Entre Géneros ao Nível da Frequência e do Impacto das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência.....	35
Diferenças ao Nível da Restrição Alimentar, Preocupação com Peso/Forma e Insatisfação Corporal em Função do Estado Ponderal Segundo o IMC	37
Diferenças ao Nível da Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência em Função do Estado Ponderal.....	38
Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência como Preditora da Psicopatologia do Comportamento Alimentar na Idade Adulta (Restrição Alimentar, Preocupação com Peso/Forma e Insatisfação Corporal).....	40
Discussão de Resultados	43
Limitações do Estudo e sugestões para investigações futuras	47
Conclusão.....	50
Referências.....	52

Índice de tabelas

Tabela 1	Caracterização Sociodemográfica e Antropométrica da Amostra.....	30
Tabela 2	Correlações das Variáveis Experiências de Vitimização Relacionadas com a Imagem Corporal na Infância e Adolescência, Estado Ponderal segundo o IMC, Restrição Alimentar, Preocupação Peso/Forma e Insatisfação Corporal.....	33
Tabela 3	Diferenças Entre Géneros ao Nível da Restrição Alimentar, Preocupação com Peso/Forma e Insatisfação Corporal	35
Tabela 4	Diferenças Entre Géneros ao Nível da Frequência e do Impacto das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência	36
Tabela 5	Diferenças ao Nível da Restrição Alimentar, Preocupação Peso/Forma e Insatisfação Corporal em Função do Estado Ponderal Segundo o IMC	37
Tabela 6	Diferenças ao Nível da Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência em Função do Estado Ponderal	39
Tabela 7	Resultados das Regressões Lineares Simples com a Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência como Preditora da Variável Preocupação com Peso/Forma.....	41
Tabela 8	Resultados das Regressões Lineares Simples com a Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência como Preditora da Variável Insatisfação Corporal.....	42

Índice de Siglas e Acrónimos

AN: Anorexia Nervosa

BN: Bulimia Nervosa

IMC: Índice de Massa Corporal

PAI: Perturbações da Alimentação e da Ingestão

TCC: Teoria Cognitivo-Comportamental

Enquadramento Teórico

No decorrer da fase pubertária e início da idade adulta, a forma corporal ganha maior importância e valorização, frequentemente devido às crescentes expectativas para corresponder a padrões de beleza socialmente construídos (Lozano-Muñoz et al., 2022; Peebles et al., 2012). A necessidade de aceitação por parte dos outros e de si mesmo, nomeadamente a necessidade de pertença aos padrões sociais impostos, faz com que exista o desenvolvimento da vergonha corporal levando a que os jovens assumam narrativas negativas acerca do *self*, da sua imagem corporal e das suas capacidades físicas e cognitivas (Rouyan et al., 2023). Estas representações e perceções negativas podem perpetuar-se ao longo de todo o desenvolvimento, podendo ter influência negativa nas diversas áreas da vida (Eck et al., 2022).

O conceito de imagem corporal é multidimensional e traduz-se na representação imaginária que cada sujeito faz do seu próprio corpo. A construção da imagem corporal é o produto das influências de diversos fatores, como a prática de exercício físico, o estilo de alimentação, a pertença a um grupo ou fatores socioeconómicos (Abdoli et al., 2023; Marquez et al., 2024). Ao longo da trajetória de desenvolvimento as representações que o indivíduo tem de si mesmo são passíveis de se alterarem (Gualdi-Russo et al., 2022).

A imagem corporal refere-se à autoperceção que um indivíduo tem em relação ao seu corpo, contudo, transcende a dimensão do que é o corpo físico, e relaciona-se, também, com os pensamentos, crenças, sentimentos e comportamento/atitude (Jalali-Farahani et al., 2023). Quando se verifica a existência de um diagnóstico de Perturbações da Alimentação e da Ingestão, a imagem corporal tende a surgir enviesada, isto é, pode existir a ação de uma visão disforme de si mesmo, dando origem ao aumento da preocupação excessiva com peso/forma corporal (Konstantakopoulos et al., 2012). Estes processos cognitivos podem manifestar-se através de sentimentos de insatisfação, vergonha generalizada (interna, externa, corporal) ou rejeição (Nechita et al., 2021; O’Loghlen et al., 2022).

Experiências de vitimização em relação à imagem corporal ou comportamentos de *body shaming* (comentários negativos sobre o corpo ou forma física de alguém) são cada vez mais frequentes no século XXI (Kar, 2019). Estes conceitos implicam a existência de agressões verbais, comentários e/ou opiniões não solicitadas, onde existe notória intensão de crítica e julgamento corporal, podendo serem também propositadas ofensas físicas e de intimidação (Schlüter et al., 2021).

As comparações sociais e as avaliações feitas pelos outros, desempenham um papel relevante nas gerações atuais (Scully et al., 2023; Stapleton et al., 2017). As redes sociais, sendo de fácil e livre acesso, facilitam o escrutínio da imagem e da forma física, levando a que o *feedback* negativo relacionado com a aparência tenha influência no discurso interno do recetor, tornando-se assim uma das consequências mais proeminentes do *body shaming* (Perloff, 2014).

Comportamento alimentar, por definição é um termo amplo que engloba as escolhas alimentares, práticas e problemas relacionados com a ingestão de alimentos, abrangendo também as perturbações e psicopatologia subjacentes à alimentação. O comportamento alimentar sofre influência de todo o ambiente que rodeia o sujeito, desde a sua conceção e questões genéticas, pela observação de pares e figuras significativas até aos sistemas em que o individuo se move (LaCaille, 2020a; Suwalska & Bogdański, 2021).

Com o presente estudo procurou-se compreender e estudar de que forma a frequências das experiências de vitimização relacionadas com a imagem corporal, ocorridas durante a infância e adolescência, são preditoras da restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação corporal na idade adulta. Do nosso conhecimento, este estudo é o primeiro a estudar a relação entre experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência, e o comportamento alimentar em adultos portugueses.

Comportamento Alimentar

A definição de comportamento alimentar é um conceito que abrange, não só a alimentação como ato de subsistência (Nicklaus, 2016), mas também compreende as escolhas alimentares dos sujeitos, os processos e causas que motivaram determinada escolha, e, refere-se ainda às perturbações da alimentação e de ingestão, ou seja, a anorexia, bulimia, compulsão alimentar (LaCaille, 2020b). O comportamento alimentar de um sujeito adulto é modificado e estruturado ao longo da vida, sendo influenciado por diversos fatores, por exemplo pelos media tradicionais (revistas e televisão) ou redes sociais, principalmente entre os mais jovens (Cohen et al., 2021; Fardouly & Vartanian, 2016; Girard et al., 2018).

O comportamento alimentar tende a assumir uma linearidade ao longo do processo desenvolvimental. É influenciado primeiramente pelos cuidadores (pais, familiares ou cuidadores formais), quer quanto às preferências alimentares, tendo em conta que são estes quem fornecem os alimentos, quer na forma como a criança se relaciona com a alimentação, ou seja, os cuidadores são/servem como modelos de referência, adotando comportamentos alimentares que a criança tende a imitar e a internalizar como corretos. (Leuba et al., 2022; Liao & Deng, 2021; Savage et al., 2007). Contudo, a alimentação mostra-se fortemente influenciada pela aprendizagem por observação, sendo transversal a todos os meios onde a criança se move (Donato et al., 2022).

Na atualidade denota-se o crescimento exponencial para a emergência de psicopatologias do comportamento alimentar (Hay et al., 2023). A par deste aumento, a taxa de mortalidade associada às psicopatologias que resultam destas questões, segue a mesma trajetória crescente (Zainab & Ahmad, 2021). As Perturbações da Alimentação e da Ingestão (PAI) tendem a ter início na adolescência, mas a sua incidência é elevada no período da idade adulta, e por isso, podem perpetuar-se durante toda a vida (Frank et al., 2019).

Na década de 70 no século passado, os casos identificados deste tipo de perturbações eram residuais e estavam mais presentes nos países ocidentais, todavia, a grande expansão deu-se na década imediatamente seguinte onde, a nível mundial, começaram a surgir inúmeros relatos da incidência de sintomas relacionados com as PAI (Machado et al., 2006; Reel et al., 2015).

De forma geral as Perturbações da Alimentação e da Ingestão apresentam manifestações somáticas, afetivas e cognitivas, estando associadas às componentes: (1) físicas, como a mudança abrupta de peso (ganho ou perda num curto período de tempo), (2) comportamentais, quando se torna difícil a autorregulação, havendo possibilidade para o desencadear de comportamentos obsessivos quanto ao ganho/perda de peso; (3) cognitivas, reações de ansiedade e medo relacionadas com as mudanças físicas que a alimentação pode trazer para o sujeito e para o seu corpo (Fairburn et al., 2003; Zainab & Ahmad, 2021).

Esquemas desadaptativos relacionados com a aparência corporal são responsáveis por fazer com que os sujeitos percecionem qualquer estímulo referente ao peso ou forma física de forma enviesada e tendencialmente negativa (Kimball et al., 2019). Parece existir uma automatização da resposta de hipervigilância quanto aos construtos da imagem corporal, o que deixa o sujeito mais vulnerável para o desenvolvimento de diversas psicopatologias (PAI, depressivas ou ansiosas) (Tuschen-Caffier et al., 2015).

A autoestima destes pacientes depende da capacidade para manter a restrição calórica, baseando este o comportamento que permite a perda de peso ou a pertença a padrões de beleza autoimpostos, mas ainda assim evidenciando maior insatisfação com a sua imagem (Nomura et al., 2021). Não raras vezes, mesmo com baixo peso, o sujeito passa a ativar, quase de forma obrigatória, mecanismos compensatórios, o que leva a que recorra ao vómito, à toma de

laxantes ou exercício físico exagerado, entre outros. Estes comportamentos são usados de modo a controlar o peso evitando que este aumente (Paslakis et al., 2021; Steinglass et al., 2019).

As perturbações alimentares mais incidentes parecem ser a Anorexia Nervosa (AN) e a Bulimia Nervosa (BN). Ambas apresentam principal enfoque nas questões de peso e forma corporal. Além disso, estas perturbações estão relacionadas com a forma como o sujeito se autoperceciona e com a imagem corporal que idealiza atingir, especialmente quando comparado com o que é esperado pelos padrões sociais.

A AN caracteriza-se pela restrição alimentar extrema e intencional, assim como atividade física excessiva, havendo um total abandono do consumo de fontes de energia. Esta restrição funciona como uma estratégia para lidar com as experiências de medo e fracasso face ao aumento de peso, emoções comuns em sujeitos com este diagnóstico. O peso corporal de sujeitos com AN é marcadamente inferior ao considerado peso normal e existem relatos de manifestações somáticas, cognitivas e emocionais transversais a todo o funcionamento cognitivo (American Psychiatric Association, 2014).

Sujeitos com BN apresentam episódios de ingestão alimentar compulsiva, ou seja, o sujeito consome, num período reduzido, uma quantidade de alimentos bastante superior ao normal e existindo perda de controlo. Todavia, esses alternam com comportamentos de restrição alimentar. O vômito, uso de laxantes ou diuréticos e exercício físico excessivo parecem ser os recursos mais utilizados como métodos compensatórios. Normativamente estes são indivíduos com peso normal ou ligeiramente acima (American Psychiatric Association, 2014).

Sujeitos diagnosticados com perturbações da alimentação e da ingestão tendem, segundo a literatura, a apresentar maiores falácias face à realidade da sua forma física, isto é, existe uma tendência para estes indivíduos, quando confrontados com a necessidade de

descreverem o seu corpo e peso, narrarem a sua forma corporal como maior ou afirmarem ter um peso superior ao que efetivamente têm (Artoni et al., 2021).

A sobrevalorização da forma e do peso surge como fator de manutenção das psicopatologias do comportamento alimentar, uma vez que estes são mantidos de forma constante e como prática rotineira, fazendo com que o sujeito passe a acreditar que a sua valorização enquanto pessoa depende, exclusivamente, da forma física que apresenta ou do número do seu peso (Fairburn et al., 1986; Fairburn et al., 2003).

Um sujeito com diagnóstico de PAI tende a assumir que a sua valorização depende da imagem que apresenta e da forma corporal que assume, ou seja, todas as dimensões da sua vida, profissional, pessoal ou amorosa, parecem centrar-se, em exclusivo, nos aspetos relacionados com a imagem que vê ao espelho de si mesmo, menosprezando todas as restantes áreas da sua vida, mesmo que estas surjam como positivas e de sucesso (Fairburn et al., 2003).

A ideia de “ser gordo(a)” faz com que estejam em contante ansiedade e preocupação, fazendo com que manifeste de forma persistente a necessidade de procurar a magreza e/ou emagrecer. Estes momentos surgem sempre acompanhados de sentimentos de culpa e de desvalorização, pois acreditam que são “fracos” por não serem capazes de manter o peso baixo ou de manterem um regime calórico rígido (Fairburn et al., 1986; Fairburn et al., 2003).

Assim, Fairburn e colaboradores (2003) começaram a procurar uma ferramenta que fosse eficaz no tratamento das perturbações alimentares. Com base na Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC) desenvolveu-se o Modelo Transdiagnóstico das Perturbações Alimentares que postula que a manutenção destas assenta sempre nos mesmos padrões comportamentais e por isso pode ser aplicado amplamente e a diversos tipos de PAI.

Os autores afirmaram que a sobrevalorização que os pacientes fazem da sua forma e peso corporal são o gatilho para a adoção de padrões alimentares rígidos. A restrição face à

ingestão de alimentos reforça esses comportamentos, uma vez que, ao restringir a quantidade de comida ingerida, o sujeito consegue perder peso de forma eficaz e num período de tempo reduzido. Isto faz com que o sujeito se sinta capaz e adote uma avaliação positiva de si mesmo, uma vez que se vê como capaz para atingir objetivos, mais especificamente a perda de peso (Fairburn et al., 2003).

A insatisfação que os sujeitos apresentam, quase permanentemente, face à sua aparência e ao seu corpo, assume um papel na etiologia das perturbações da alimentação e da ingestão, uma vez que surge como fator de manutenção, pois o paciente adota uma postura de insegurança e incapacidade. Isto resulta em padrões de culpabilização e da emergência contante de sentimentos negativos acerca de si mesmo. Como resultado das exigências que apresenta para si mesmo, tende a não tolerar falhas, interpretando qualquer desvio do padrão alimentar que interiorizou como correto ou episódios de compulsão como um fracasso pessoal, retirando-lhe valor pessoal e afetando a sua autoestima (Fairburn, 2008).

Fairburn et al. (2003) afirmam que, para além da sobrevalorização do peso e da forma corporal existem outras variáveis que podem explicar as diferenças verificadas, entre sujeitos apesar do mesmo diagnóstico, na adoção de processo de manutenção das PAI. As variáveis assinaladas são: (1) perfeccionismo clínico, que diz respeito aos processos de autoavaliação e ao sucesso dos objetivos; (2) baixa autoestima, que consiste na visão negativa, constante e generalizada que o paciente tem acerca de tudo na sua vida, não sendo restrita à imagem corporal; (3) intolerância afetiva, onde o sujeito apresenta comportamentos disfuncionais ou até disruptivos quando experiencia alguns estados emocionais; (4) dificuldades interpessoais, que fazem com que fatores interpessoais interfiram negativamente na sua autoestima e, como consequência, faça com que os sujeitos reforcem os comportamentos desadaptativos. Estas não são de presença obrigatória em todos os quadros clínicos e, mesmo que existam, podem interferir de forma distinta em cada sujeito.

Existem evidências literárias que postulam que a adoção de um comportamento alimentar saudável tem influência direta na promoção de saúde e bem-estar, assim como na redução da probabilidade de doenças diversas, promovendo então um aumento da esperança média de vida (Cena & Calder, 2020; LaCaille, 2020b).

Imagem Corporal

A construção social por detrás da ideia de um “corpo perfeito” faz com que a imagem corporal seja diretamente influenciada pela sociedade e pelo escrutínio que existe da mesma (Gualdi-Russo et al., 2022). A insatisfação corporal, sendo esta a diferença entre a imagem que idealizam e a que percebem (Yang et al., 2022), faz com que os sujeitos demonstrem baixa autoestima, menos satisfação com a vida em geral e se percebam como menos capazes quando comparados com os outros a quem atribuem características corporais de maior valorização, a par de desempenhar uma função central para a estruturação de PAI (Peebles et al., 2012; Sundgot-Borgen et al., 2021).

Durante o século XX, e com o crescente aumento de comportamentos alimentares potencialmente problemáticos, a medicina procurou explorar o fenómeno que se estava a verificar nos mais jovens. Durante a década de 20, desse século, a neurologia descreveu a imagem corporal como um conjunto de experiências criadas no córtex sensorial e que eram unicamente produto de reações neurológicas (Schuck et al., 2018).

Schilder (1935) propôs uma perspectiva integradora entre as dimensões biológicas, psicológicas e sociais, onde estariam implicados, além das dimensões biológicas, também as dimensões culturais, religiosas, crenças e pensamentos, tornando assim a imagem corporal uma abordagem biopsicossocial, resultando da união de todos os fatores de funcionamento de um sujeito (Hosseini & Padhy, 2023).

Cash, no final do século XX, definiu que a imagem corporal apresentava, pelo menos, duas grandes dimensões que estavam na base da apreciação que o sujeito fazia de si mesmo, (1) a avaliação cognitiva ou afetiva da sua aparência ou corpo, que resultava na satisfação ou insatisfação da sua imagem corporal, e (2) a importância que atribuía à sua aparência (Cash, 1994).

Mais tarde, Newell, compreendeu que, além da perspectiva apoiada por Schilder, a imagem corporal é inconstante e vai apresentando alterações em função da idade, do crescimento e da predisposição do sujeito, fazendo com que seja um construto dinâmico e, por isso, a definição que cada sujeito atribui à sua imagem corporal é distinta mediante o período desenvolvimental em que o sujeito se encontra (Hosseini & Padhy, 2023).

A imagem corporal reflete mais do que a (in)satisfação que um sujeito relata consigo mesmo, é um conjunto de sentimentos, preconceitos, crenças e pensamentos, sendo por isso definido como um conceito multidimensional (Schuck et al., 2018). A insatisfação corporal advém das pressões exercidas entre pares, familiares ou meios de comunicação. O grupo de proximidade tende a servir como meio de comparação entre os membros, nomeadamente quanto à aparência de cada um, às características físicas e se correspondem, ou não, ao padrão de beleza vigente. Quando alguém se encontra “fora do padrão” tende a ser alvo de pressão grupal que faz com que passe a assumir a necessidade de ter de mudar para encaixar no restante grupo (Uchôa et al., 2019).

Os fatores sociais que estão na gênese da insatisfação corporal sofrem influência direta da comunicação social que, desde sempre, criou um protótipo do corpo “perfeito”, fazendo com que este fosse amplamente difundido e passasse a ser o ideal de beleza. Todavia, estes padrões de imagem tornaram-se inatingíveis, principalmente no género feminino, fazendo com

que, quem consome estas imagens, se passe a sentir insegura, incapaz e fora do padrão (Grabe et al., 2008)

A imagem corporal é um construto global que inclui outros construtos mais específicos como a Insatisfação Corporal, a Preocupação com a Forma e a Preocupação com o Peso (Kilpela et al., 2021). Estes três construtos principais são os que, quando desajustados, podem servir como estímulo para a estruturação de psicopatologias do comportamento alimentar, porém, quando se encontram adaptados às exigências e expectativas do meio e o sujeito se vê em concordância com o que o rodeia, estes servem como potenciadores de elevação de autoestima (Mallaram et al., 2023).

Através da avaliação que o sujeito faz da sua satisfação corporal é possível perceber esquemas mentais utilizados por ele para conseguir responder às expectativas e necessidades do meio. Contudo, a linearidade desta relação de avaliação-resposta é influenciada pelos padrões de resposta interna do sujeito, ou seja, se o sujeito tem uma visão negativa acerca de si e/ou do seu corpo, vai interpretar todas as pistas sociais como confirmatórias destas crenças (Rounsefell et al., 2020).

Uma percepção de imagem corporal negativa pode servir de base de estruturação para o desenvolvimento de comportamentos de risco e prejudiciais relacionados com a alimentação. Esta preocupação excessiva com a imagem corporal, com as medidas do corpo e com a forma física, pode resultar no desenvolvimento de uma Perturbação Dismórfica Corporal (Bonfim et al., 2016). Isto é, existe a preocupação excessiva com defeitos ou falhas, que nos demais são percebidos como insignificantes, a par da realização de comportamentos repetitivos de verificação do seu corpo ou atos mentais de comparação constantes, e o mal-estar sentido mostra-se transversal a outras áreas do funcionamento (American Psychiatric Association, 2014, p. 288).

Tende a existir discrepância entre a estrutura corporal vislumbrada no espelho, e aquela que efetivamente apresenta (Harðardóttir et al., 2019). Esta falta de correspondência entre o real e o ideal, pode ser preditor do desenvolvimento de psicopatologias diversas, como depressão, ansiedade ou perturbações alimentares, devido à exigência a que é sujeito no seu contexto sociocultural (Ábrahám et al., 2017; Smink et al., 2018).

A imagem corporal sofre influência de três componentes da dimensão atitudinal, (1) afetiva, onde são referidos os sentimentos e as emoções que o sujeito tem acerca do seu corpo ou forma física, este pode ser positivo quando existe a satisfação corporal, ou negativo quando o sujeito descreve a sua imagem corporal como insatisfatória; (2) cognitiva, as crenças e pensamentos acerca do seu próprio corpo, resultado de experiências precoces e atuais, fazem com que o sujeito apresente uma determinada leitura de si na sociedade e que se idealize com determinadas características, sendo esta a representação mental consciente; (3) comportamental, comportamentos que o sujeito adota com vista a melhorar a sua aparência física ou a atingir o corpo que assume como perfeito (Burychka et al., 2021; Corno et al., 2018; Thompson et al., 1999).

Outra dimensão que interfere diretamente na imagem corporal é a componente perceptiva, sendo esta a forma como o sujeito percebe o seu corpo através dos sentidos, mas também através das respostas que obtém do meio (Cornelissen et al., 2019; Hamamoto et al., 2023). Quando as componentes atitudinais e perceptivas surgem desajustadas ou alteradas, existe o instaurar de uma visão negativa da imagem corporal (Artoni et al., 2021; Hosseini & Padhy, 2023).

Na literatura é possível perceber que existe uma unanimidade quando se afirma que sujeitos do género feminino apresentam maior preocupação quanto à sua imagem corporal comparativamente a sujeitos do género masculino (Ata et al., 2007; Gualdi-Russo et al., 2022;

Nanu et al., 2014; Nesi et al., 2021). Este facto pode dever-se à propensão das raparigas para sofrerem de maiores pressões sociais acerca do corpo e da imagem, a par de alterações hormonais e biológicas ocorridas durante a adolescência, como o aparecimento da menarca, que resultam em transformações físicas relevantes e rápidas (Croll, 2005).

O género feminino, segundo a literatura, parece demonstrar maior preocupação com o corpo e atribuir maior significado à obtenção de uma silhueta exímia e que corresponda ao padrão de beleza (Miranda et al., 2018). Estudos sobre adolescentes têm mostrado que, a relação entre o género e a preocupação corporal parece demonstrar uma associação positiva no género feminino uma vez surgem significativamente mais expostas a comportamentos que incitem estes comportamentos comparativamente a sujeitos do género masculino (Longobardi et al., 2021).

Desde o início da adolescência até à idade adulta, os sujeitos tendem a demonstrar uma elevada preocupação com a sua imagem corporal, embora essa tendência seja mais acentuada nas raparigas, mas, ainda assim, havendo evidências de que o género masculino também demonstra preocupação com a sua imagem (Lacroix et al., 2023).

A atividade física regular parece ser um fator positivo de influência para a imagem corporal, em ambos os géneros, uma vez que diversos estudos identificam uma associação positiva entre ambos os construtos. A prática regular de desporto resulta em alterações corporais, aproximando-o da magreza ou musculatura desejada, implicando também fatores psicológicos, como a satisfação com o físico, influenciando o modo como os sujeitos se autopercecionam (Bassett-Gunter et al., 2017; Fernández-Bustos et al., 2019).

Também a adoção de hábitos alimentares saudáveis, parece ter um impacto positivo da satisfação corporal, uma vez que responde às necessidades do corpo, permite uma gestão adequada do peso corporal e promove a valorização da forma física (Bruce & Ricciardelli,

2016; Kerin et al., 2019). Por sua vez, hábitos alimentares desadaptativos fomentam a necessidade de uma alimentação emocional, de modo a responder a emoções como a ansiedade e o *stress*, levando ao aumento de peso e, conseqüente insatisfação com o peso e forma do corpo (Abdoli et al., 2023).

Uma das explicações encontradas para o aumento da insatisfação com a imagem junto dos mais jovens e dos jovens adultos, é, mais uma vez, o crescimento mundial da utilização das redes sociais e do fácil acesso a qualquer meio de informação, sendo que ambos desempenham um papel de bastante relevo e servem como promoção de uma cultura de beleza muitas vezes irreal e ideal o que faz com que exista uma maior pressão para corresponder ao sentimento de pertença grupal (Aparicio-Martinez et al., 2019; Diego Díaz Plaza et al., 2022).

Na atualidade, as redes sociais e os *media* têm uma forte influência nos mais jovens, sendo este um “mundo ideal” onde partilham e veem fotos, comentários, *likes* e autoestima (Revranché et al., 2022a), pois a quantidade de reações ou *review* são quase como uma régua onde mais interações positivas significam mais autoestima e maior aceitação social (Holland & Tiggemann, 2016; Rounsefell et al., 2020; Vuong et al., 2021). As redes sociais permitem comparações fáceis, quer com pessoas que se conhecem, quer com *influencers* que, usualmente, são associados ao padrão que deve ser seguido, sendo descritos pelos jovens como mais bonitos, mais magros e com mais sucesso do que os próprios (Revranché et al., 2022b).

Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal / *Body Shaming*

Atualmente, a literatura ainda não apresenta uma definição científica unânime para o conceito *body shaming*. Ainda assim, parece existir concordância quando se afirma que estes comportamentos envolvem, na sua generalidade, julgamentos para com a aparência física de alguém, resultando em comparações sociais, podendo direcionar-se para sujeitos em qualquer faixa etária ou forma física (Fowler et al., 2021). Estes julgamentos podem ser resultado de

interações pessoais, onde existe contacto presencial, mas também a partir do que é visualizado através das partilhas nas redes sociais (Pemek et al., 2009; Schlüter et al., 2023).

O *body shaming* está difundido entre os contextos escolares, com maior ênfase em contextos frequentados por adolescentes e jovens adultos, sendo estes ambientes propícios a comparações sociais, principalmente em relação ao peso corporal de cada sujeito. O agrupamento dos sujeitos a partir de características que reconhecem uns nos outros como similares entre si, facilita a disseminação de comentários e de intimidações, físicas e verbais aos que não são percebidos como iguais (Cerolini et al., 2024).

O tipo de intimidação pode ser variada, uma vez que pode ser dirigida ao peso e forma corporal, sendo esta a mais comumente relatada entre os sujeitos que experienciaram estes comportamentos, uma vez que o excesso de peso é um estigma social, onde indivíduos que se encontram acima do peso considerado normal, sofrem exclusão social, sendo menos valorizados no seio de um grupo e sentem uma maior pressão social, uma vez que existe a constante necessidade de pertencer aos padrões de beleza “normais” (ser magro/a), sendo esta necessidade uma imposição quer de quem os rodeia, quer do que é difundido nos *media* e redes sociais (Cerolini et al., 2024; Pereda-Pereda et al., 2018).

A utilização das plataformas de partilha *online* parece contribuir para a tendência crescente do uso do termo e para a perpetuação de sentimentos de insatisfação com a vida em geral (Pereda-Pereda et al., 2018), sendo relatados cada vez mais casos onde adolescentes e jovens adultos afirmam sentir vergonha do seu corpo. Estes sentimentos de vergonha têm um impacto nocivo na autoestima e promovem a adoção de comportamentos alimentares desajustados, uma vez que os sujeitos atribuem à adoção destes comportamentos uma forma de compensarem o desconforto com a sua autoimagem (Schlüter et al., 2021).

Os comentários negativos e pejorativos sobre o corpo de alguém podem não ser dirigidos com o objetivo de ofender ou causar desconforto, estes podem ser verbalizados como sendo uma sugestão de melhora, todavia, tendem a ser percebidos e recebidos, como um ataque à aparência (Fowler et al., 2021; Lestari, 2019). O *body shaming* não está restrito a um só gênero, faixa etária ou forma corporal, podendo ser dirigido a sujeitos com peso abaixo, normal ou excesso de peso e obesidade (Schlüter et al., 2023).

Estes comentários podem levar a comportamentos evitantes, como por exemplo a privação da exposição do corpo, como idas à praia/piscina, frequentar balneários partilhados (Vani et al., 2020a), assim como a recusa para participar em atividades desportivas onde exista a necessidade de exposição a outras pessoas, pois o sujeito experiencia receio e vergonha constante, uma vez que associa esses momentos ou atividades a maior facilidade para a emergência de opiniões acerca de si e do seu corpo ou aparência (Vani et al., 2020).

Os corpos vistos nos *media*, e que são tidos pela generalidade como os “corpos perfeitos”, fomentam a necessidade para alcançar a “perfeição” e uma forma física semelhante. Para que isso aconteça existe a necessidade de mudar a sua atual aparência e esconder o que se identifica como “defeitos” (diferenças entre o próprio corpo e a imagem que se criou como sendo “perfeita”) (Choukas-Bradley et al., 2022). A necessidade de pertencer ao estereótipo de beleza faz com que o sujeito desenvolva sentimentos de vergonha de si mesmo e que direcione todas as suas preocupações para a aparência física, sendo esse o seu ponto de interesse e pensamento constante (Choukas-Bradley et al., 2022; Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2021; Sanzari et al., 2023).

As redes sociais são atualmente utilizadas por todas as pessoas, de todas as idades, gêneros e raças, através delas é possível comunicar com outras pessoas, partilhar imagens, vídeos ou informações relevantes, como notícias, mas tem como principal função a interação

através de *likes* ou comentários que são os novos sistemas de manutenção de autoestima. Todavia, podem ter consequências distintas, dependendo das características do sujeito, pode servir como potenciador de autoestima, mas também como manutenção de comportamentos alimentares de risco (Diego Díaz Plaza et al., 2022; Mohsenpour et al., 2023; Oliveira et al., 2023)

Pessoas em excesso de peso ou obesidade tendem a sofrer de maior estigma e discriminação, uma vez que são vistos, em regra, como descontrolados e inertes (Fowler et al., 2021; Tanas et al., 2022). A vergonha pode servir como causa para a posterior adoção de comportamentos desajustados, quer pelo excesso em que passam a ser realizados (por exemplo, comportamentos de purga (vômito ou uso de laxantes) ou exercício físico excessivo), quer pelo abandono total de comportamentos (por exemplo, isolamento social, abandono total do exercício físico ou repulsa alimentar) o que pode agravar o problema (Pont et al., 2017).

O perconceito associado ao peso, direcionada para sujeitos com excesso de peso ou obesidade, pode ser associado a agressões físicas ou verbais direcionadas para a sua aparência e forma física (Y. Wu & Berry, 2018). Tende a ter na sua estruturação o incentivo para a perda de peso, isto é, existe a associação de que os sujeitos com maior peso corporal, quando confrontados com afirmações acerca da sua forma física, estas irão servir como motivação para a mudança (Pont et al., 2017). Todavia, não é isso que acaba por acontecer, normativamente, o resultado dessas vocalizações acaba por ter consequências inversas, podendo traduzir-se na adoção de comportamentos de isolamento social, compulsão alimentar ou aumento de peso. O abandono de práticas positivas é também indicada como reação a estas afirmações, tendo, por isso, um impacto nocivo no bem-estar físico e psicológico dos sujeitos (Puhl, 2023).

O estigma e perconceito quanto ao peso, tal como o *body shaming*, surge, por inúmeras vezes, a partir de pessoas próximas dos sujeitos, mas também é evidente em unidades de saúde,

escolas/loais de trabalho, levando a notórios comportamentos de discriminação face aos pares (Rubino et al., 2020; Talumaa et al., 2022). Estas experiências apresentam consequências negativas em todos os diversos perfis de funcionamento do sujeito, havendo, evidências literárias, do aumento do sofrimento psicológico (Puhl & Lessard, 2020).

Quer as experiências de vitimização em relação à imagem corporal, quer o preconceito associado a um peso corporal mais elevado parecem associar-se à insatisfação corporal (Lucibello, Sabiston, et al., 2023), maior sobrevalorização do peso e forma corporal, a par de maior preocupação com a alimentação (Mensing, 2022), maior estigma internalizado acerca do próprio peso e vergonha corporal (Bidstrup et al., 2022).

Vítimas de *body shaming*, com especial enfoque nos adolescentes, tendem a apresentar maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de psicopatologias, como a ansiedade e a depressão, mas também PAI, uma vez que não se sentem integradas na sociedade (Day et al., 2022a; Lestari, 2019). É possível identificar que sujeitos com PAI diagnosticadas tendem a relatar mais experiências de vitimização relacionadas com o corpo, quando comparados com outros sujeitos sem diagnóstico (Ruiz Lázaro et al., 2022).

Após experiências negativas relacionadas com a imagem corporal ou o peso, existe um reforço das crenças negativas acerca de si e do seu corpo, adotando uma postura de autocrítica constante. (Lucibello, O'Loughlin, et al., 2023) Estes episódios de discriminação perpetuam a emergência de psicopatologias diversas (alimentares e de ingestão, ansiosas), sendo transversais a todo o período desenvolvimental, tendo implicações em diversas áreas de funcionamento, a curto e longo prazo (Cerolini et al., 2024; Singh et al., 2021).

As experiências de vitimização física durante a infância e o período da adolescência fazem com que os sujeitos tendam a mostrar-se amplamente insatisfeitos consigo mesmos (Day et al., 2022), sendo que as alterações hormonais que experienciam e as mudanças corporais

normais dessa fase, podem surgir como desencadeadores para o desenvolvimento de perturbações ansiosas e alimentares, baixa autoestima, humor depressivo e dificuldade de autoaceitação. A par da perpetuação de emoções negativas e maior conformismo (Brewis et al., 2018; Duarte & Pinto-Gouveia, 2017; Saxena et al., 2020).

Existe na comunidade científica a concordância de que o desenvolvimento de perturbações alimentares, até e durante a idade adulta, está diretamente relacionado com experiências de vitimização ocorridos durante a infância e adolescência (Matos & Pinto-Gouveia, 2009; Novitasari & Hamid, 2021). Os estados de desânimo, onde vigoram sentimentos de repulsa por si próprio, desconforto e reduzida autoestima, parecem estar positivamente associados ao aumento de peso, uma vez que são adotados comportamentos de compensação através da alimentação (Lee & Vaillancourt, 2018; van Geel et al., 2014).

A baixa autoestima surge relacionada com as experiências de vitimização de que o sujeito é alvo, e, após a adolescência, os adultos tendem a continuar a apresentar crenças de desvalorização pessoal e de insatisfação corporal, como método confirmatório das suas experiências pessoais passadas, sendo que esta postura é evidente ao longo de toda a trajetória desenvolvimental (Kaushik & Batra, 2022; Puhl et al., 2017).

Associações entre Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal, Imagem Corporal e Comportamento Alimentar

Mostra-se relevante explorar de que forma se associam as variáveis da vitimização e o comportamento alimentar, mais concretamente de que forma as experiências de vitimização direcionadas para a imagem corporal durante a infância e a adolescência, podem ser preditoras da psicopatologia do comportamento alimentar na idade adulta.

As experiências de vitimização relacionadas com a imagem corporal, ocorridas durante a infância e adolescência, apresentam consequências negativas no ajustamento socioemocional

da criança e adolescente vítima (Ozbardakci & Lydecker, 2023), mas também demonstram ter um impacto negativo nos processos desenvolvimentais do sujeito ao longo da trajetória de vida (Farrow & Tarrant, 2009a). Acontecimentos negativos ocorridos durante a infância e adolescência podem apresentar um impacto direto na forma como o sujeito, enquanto adulto, se valoriza, necessitando de maior aceitação por parte dos pares (Forster et al., 2020), assim como comparações com os pares levando à estruturação de narrativas de baixa autoestima e desvalorização pessoal (Thompson et al., 1999b).

Por outro lado, o comportamento alimentar de um sujeito adulto é modificado e estruturado ao longo da vida, sendo influenciado por diversos fatores, por exemplo pelos *media* tradicionais ou redes sociais, principalmente entre os mais jovens (Cohen et al., 2021; Fardouly & Vartanian, 2016). Todavia, as informações de que os sujeitos dispõem são pautadas por ideais de beleza direcionados para a magreza, maioritariamente no caso do gênero feminino, e de um corpo escultural, quando inquiridos sujeitos do gênero masculino (Girard et al., 2018; Jankauskiene & Baceviciene, 2019; Mills et al., 2022).

Experiências negativas em relação ao corpo/imagem influenciam a satisfação corporal, havendo crescentes relatos que direcionam para uma maior insatisfação corporal em sujeitos vítimas de *body shaming* (Farrow & Tarrant, 2009b; Schroeder et al., 2021; Tzouvara et al., 2023), a par de sujeitos que experienciaram vitimização em relação à imagem corporal durante o período da infância e adolescência, apresentarem maior vulnerabilidade para ter excesso de peso e obesidade, tornando-se mais vulneráveis ao nível do estigma social (Schulte et al., 2021), podendo a insatisfação corporal ser preditora da adoção de comportamentos alimentares desajustados e, posteriormente, um fator de risco para a emergência de PAI (Cruz-Sáez et al., 2015; Pearlman et al., 2023).

O estudo apresentado vai de encontro a outros estudos semelhantes, isto é, abordando conceitos fundamentais das experiências de vitimização em relação à imagem corporal, assim como bases teóricas do comportamento alimentar, da imagem corporal, a par da exploração da relação que ambos os constructos mantêm entre si (Bordeleau et al., 2021; Czepczor-Bernat, 2022; Day et al., 2022b; Divecha et al., 2021; Gruszka et al., 2022; Lunde & Frisén, 2011; Oliveira et al., 2018; Paxton & Damiano, 2017; Trompeter et al., 2022a; Tzouvara et al., 2023), tornando passível de explorar fatores de risco e a base estrutural inerentes à psicopatologia do comportamento alimentar.

Assim, pretende-se corroborar que as experiências de vitimização em relação à imagem corporal são acontecimentos generalizados, não fazendo distinção tendo em conta as características dos sujeitos, nomeadamente o género, mas parece mais propensa a surgir quando analisadas as experiências de vitimização em relação à imagem corporal passadas de sujeitos que apresentaram peso corporal é mais elevado (Carey et al., 2018; Ganapathy et al., 2019).

Existe a necessidade de investigar e explorar as perceções dos sujeitos quanto às experiências passadas, mais concretamente direccionadas para o seu peso e forma física, aumentando a compreensão sobre o impacto que estes acontecimentos têm na vida dos sujeitos na idade adulta. Assim, a investigação nesta área permite criar evolução científica no que respeito ao comportamento alimentar e às experiências de vitimização em relação à imagem corporal, tornando possível aumentar o conhecimento acerca da influência que os acontecimentos passados (durante a infância e adolescência) têm no comportamento alimentar do presente (idade adulta).

Questão de Investigação e Objetivos

Face à questão de investigação “*Existe relação entre a psicopatologia do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação*

corporal) em idade adulta e as experiências de vitimização em relação à imagem corporal ocorridas durante a infância e adolescência?”, o presente estudo apresenta como objetivo geral compreender e estudar a existência de relação entre o comportamento alimentar em idade adulta e as experiências de vitimização em relação à imagem corporal ocorridas durante a infância e adolescência, considerando os seguintes objetivos específicos:

1) Testar a existência de associações entre as variáveis das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência, a psicopatologia do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma corporal e insatisfação corporal) e estado ponderal segundo o Índice de Massa Corporal (IMC) na idade adulta.

2) Testar diferenças entre gêneros (masculino e feminino) ao nível da psicopatologia do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma corporal e insatisfação corporal) e da frequência/impacto das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência.

3) Examinar diferenças entre estados ponderais (baixo peso, peso normal, excesso de peso, obesidade) ao nível da nível da psicopatologia do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma corporal e insatisfação corporal) e da frequência e impacto experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência.

4) Testar se a frequência das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência é preditora do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma corporal e insatisfação corporal) em idade adulta.

Assim, de modo a responder à questão de investigação do estudo, colocou-se como hipótese a possibilidade de as experiências de vitimização relacionadas com imagem corporal vivenciadas durante a infância e adolescência servirem como preditoras para a psicopatologia do comportamento de alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma e

insatisfação corporal) na idade adulta (Copeland et al., 2015; Duarte et al., 2017; Gattario et al., 2020)

Existe também a hipótese de se verificarem diferenças no que respeita à adoção de comportamentos de restrição alimentar, maior preocupação com peso/forma e insatisfação corporal, ao nível do género dos sujeitos, nomeadamente, quando comparados sujeitos do género feminino e do género masculino (Fardouly et al., 2015; Prnjak et al., 2020; Voges et al., 2019).

Quando analisada a literatura, foi colocada a hipótese de que sujeitos com IMC superior (excesso de peso ou obesidade) relataram maior restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação corporal comparativamente com sujeitos com IMC inferior (baixo peso ou peso normal (Blundell et al., 2024; Radwan et al., 2019).

Por fim, foi equacionada a hipótese de se a frequência das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência pode ser preditora para a adoção de comportamentos de restrição alimentar, preocupação com peso/forma corporal e insatisfação corporal em idade adulta (Trompeter et al., 2022b).

Metodologia

Design de Investigação

Considerando a tipologia preconizada por Montero & León (2007), o presente estudo apresenta um design de investigação experimental quantitativa *ex post facto*, apresentando um Design Correlacional com um momento de avaliação.

Participantes

No que concerne aos critérios de inclusão definiram-se os seguintes: (1) situarem-se na faixa etária entre os 18 e os 68 anos, (2) compreender e interpretar a língua portuguesa. Definiu-se como critério de exclusão: (1) estar em acompanhamento psicoterapêutico, para uma perturbação do comportamento alimentar. Para a recolha de dados foi utilizado um método de amostragem consecutiva não probabilística

Para o presente estudo foram inquiridos 265 sujeitos (217 do género feminino e 48 do género masculino), todos de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre o 18 e os 67 anos de idade ($M = 32.174$; $DP = 12,792$). Quando analisada a amostra quanto ao nível de escolaridade dos participantes, foi possível verificar que a maioria possuía “Licenciatura” (31.3%), verificando-se, também que o estado civil mais prevalente entre a amostra era “Solteiro/a” (66.4%).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

No estudo foi utilizado um questionário sociodemográfico, que incide na recolha de informações sociodemográficas do participante, como, género, idade, habilitações literárias, profissão e estado civil.

Dados Antropométricos

Foram recolhidos os dados antropométricos de cada participante, peso em *kilos* e altura em centímetros, através de autorrelato. Posteriormente, foi calculado o Índice de Massa Corporal (IMC) tendo sido definidos os seguintes pontos de corte, traduzindo-se em 4 grupos distintos, permitindo categorizar o estado ponderal dos participantes. O primeiro, baixo peso (IMC < 18.00kg/m²), seguindo-se peso normal (IMC: 18.01 – 24.99kg/m²), excesso de peso (IMC: 25.00 – 29.99kg/m²) e obesidade (IMC ≥ 30.00 kg/m²). Os intervalos indicados são relativos às tabelas de referência da Organização Mundial de Saúde (2010).

Questionário de Comportamento Alimentar (EDE-Q7)

Para avaliar a dimensão da psicopatologia do comportamento alimentar utilizou-se o Questionário de Comportamento Alimentar (EDE-Q7) (Machado et al., 2020; Fairburn & Beglin, 1994), este é um questionário de autorrelato onde o objetivo é avaliar comportamentos alimentares e aceder às principais características das perturbações do comportamento alimentar.

As respostas serão fornecidas tendo por base os 28 dias anteriores e divide-se em 3 subescalas: “Restrição Alimentar”, “Preocupação com peso/forma”, “Insatisfação Corporal”, todas apresentam uma escala de *Likert* de 7 pontos onde a severidade dos comportamentos alimentares vai aumentando proporcionalmente com os números atribuídos, em que “0” é o grau de severidade mais baixo e “6” o grau de severidade mais elevado (“*Quantos dias dos últimos 28 dias... Tentou limitar propositadamente (com ou sem sucesso) a quantidade de comida que ingeriu para influenciar o seu peso ou forma corporal?*”). Resultados mais elevados nas subescalas e na escala global permitem identificar comportamentos alimentares mais desajustados.

Quanto a valores de consistência interna, na sua versão original, o instrumento assume um valor do α de *Cronbach* de .90 na escala total, apresentando uma elevada consistência interna e para a presente amostra recolhida o α de *Cronbach* é de .89 para escala total. Para a subescala “Restrição alimentar” o valor $\alpha = .89$; para as subescalas “Preocupação com Peso/Forma” e “Insatisfação Corporal”, ambas obtiveram o valor de $\alpha = .93$. Assim, os resultados obtidos demonstram que o instrumento e as respetivas subescalas demonstram uma elevada consistência interna nesta amostra.

As análises realizadas durante o presente estudo não incidiram sobre a escala total do EDE-Q7, sendo que foram realizadas análises utilizando as três subescalas do instrumento (“Restrição Alimentar”, “Preocupação com Peso/Forma” e “Insatisfação Corporal”).

Escala de Experiências de Vitimização em relação à Imagem Corporal (BIVES)

A recolha de informação para avaliar as experiências de vitimização relacionadas com o corpo/imagem corporal na infância e adolescência foi realizada através da Escala de Experiências de Vitimização em relação à Imagem Corporal (BIVES) (Duarte & Pinto-Gouveia, 2017). Esta é uma escala de 12 itens, dividida em duas partes, A e B, ambas classificadas numa escala de *Likert* de 5 pontos (1 = Nunca a 5 = Muito frequente e 1 = Nada a 5 = Muito, respetivamente).

Esta escala serve como método para avaliar experiências de *bullying* e vitimização relacionada com a imagem corporal na infância ou na adolescência, por parte de figuras significativas (pais, cuidadores formais ou informais), procura-se identificar comportamentos que tenham sido feitos de forma direta e direcionada ao sujeito, mas também de forma indireta, e que teve impacto na vida do mesmo.

A primeira parte (Parte A) procura que o sujeito relembra experiências negativas ocorridas anteriormente, durante a infância e adolescência, e que estão diretamente

relacionadas com a sua aparência física (“*A minha aparência física foi usada como uma razão para os meus colegas/amigos gozarem comigo*”), aqui também é solicitado que indique a frequência com que estas ocorreram (escala de *Likert* de 1 a 5, em que 1 = Nunca e 5 = Muito frequente). Após este exercício de recordação é procurado perceber as implicações/impacto que estas experiências tiveram no sujeito (Parte B) (escala de *Likert* de 5 pontos onde 1 = Nada e 5 = Muito). Pontuações mais elevadas na pontuação total indicam maior frequência de experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência e maior impacto destas experiências. Pontuações mais elevadas nas subescalas indicam respetivamente maior frequência ou impacto das experiências de vitimização relacionadas com o corpo/imagem corporal na infância e adolescência.

Verificou-se um α de *Cronbach* de .98 ($\omega = .97$), para a escala total da amostra do estudo. Para a subescala “Frequência” o α de *Cronbach* de .93 ($\omega = .92$) e para a subescala “Impacto” o α de *Cronbach* de .95 ($\omega = .95$). Demonstrando assim, uma excelente consistência interna.

Procedimentos

Recolha de Dados

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Universidade Lusíada do Porto (UL/CE/CIPD/2309). Os critérios de inclusão e exclusão foram facultados aos participantes dispostos a colaborar no estudo, estes posteriormente acederam, ao questionário completo online através de um *link / QR code* que os direcionava para a plataforma *online QuestionPro* (www.questionpro.com). Esta informação sobre o estudo foi partilhada através de diversos canais de comunicação digital, como redes sociais, *e-mail*, entre outros.

Aos sujeitos que aceitaram participar na investigação foi, primeiramente, apresentado o conteúdo do estudo (objetivos, riscos/benefícios que poderão surgir e contactos úteis) e um

consentimento informado online (não assinado). Foi-lhes indicado que o abandono do estudo pode ser feito a qualquer momento, sendo a confidencialidade e anonimato dos dados garantido durante todo o estudo. Após acederem à plataforma *online* surgiu a indicação de “*Li o consentimento informado e pretendo participar neste estudo.*” Foi iniciado o preenchimento dos dados sociodemográficos. Os instrumentos foram todos preenchidos através de meios digitais, nomeadamente através da plataforma *online QuestionPro*. Os participantes fizeram o seu acesso a partir de um computador, *tablet* ou telemóvel, e através de um *link* que foi divulgado com recurso às redes sociais e redes pessoais (mensagens privadas ou presencialmente).

A recolha de dados decorreu entre novembro de 2023 e março de 2024. Todos os requisitos presentes no Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos (OPP) foram assegurados e cumpridos. O consentimento informado, a privacidade, a confidencialidade e a participação voluntária foram assegurados durante todo o estudo.

Análise de Dados

Os dados da investigação realizada foram analisados através do programa de tratamento de dados *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 28.0 (para *Windows*). A análise foi dividida em duas partes distintas, a primeira onde se realizou a estatística descritiva das variáveis em estudo, como a frequência, a média e o desvio-padrão. Posteriormente verificou-se se as variáveis seguiam ou não uma distribuição normal.

O resultado do teste de normalidade indicou que as variáveis “restrição alimentar”, “preocupação com peso/forma” e “insatisfação corporal” violavam o pressuposto da normalidade, pelo que numa segunda etapa utilizaram-se, portanto, testes não paramétricos para relacionar as variáveis em estudo com as experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência. No que respeita à variável experiências de vitimização em

relação à imagem corporal na infância e adolescência, esta cumpre o critério da normalidade assumindo uma distribuição aproximadamente normal (Assimetria = -.46; Curtose = -.88 - valores compreendidos entre -1 e 1) (Kolmogorov-Smirnov, $p = .13$; Shapiro-Wilks, $p = .08$).

À *posteriori*, foram realizadas correlações de *Spearman* (r_s), de modo a explorar a existência, ou não, de associação entre as variáveis do estudo. Foi realizado um Teste de Mann-Whitney (U), com a finalidade de identificar possíveis diferenças entre as participantes do género feminino e os participantes do género masculino ao nível da Restrição Alimentar, Preocupação com peso/forma e Insatisfação Corporal.

Para análise de consistência interna dos instrumentos foram analisados o alfa de Cronbach (α) e o ômega (ω). Os valores de α menores que .50 demonstram consistência interna fraca, entre .50 e .75 consistência interna moderada, entre .75 e .90 consistência interna boa e superior a .90 excelente consistência interna (Koo & Li, 2016). Os valores de ω superiores a .70 foram considerados indicadores satisfatórios da consistência interna (Lance et al., 2006).

De modo a identificar possíveis diferenças entre géneros ao nível da frequência e do impacto das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência, realizaram-se novamente Teste de Mann-Whitney (U), uma vez que as variáveis falham os pressupostos da normalidade e da homogeneidade das variâncias, e este teste estatístico é o teste não paramétrico equivalente ao Teste T para amostras independentes.

Realizou-se, seguidamente, um Teste de Kruskal-Wallis (χ^2), como análise das diferenças entre a variável estado ponderal segundo o IMC (baixo peso, *normo-ponderais*, excesso de peso e obesidade) e as variáveis do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação corporal).

Foi ainda realizada uma regressão linear simples, de modo a compreender se a frequência das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e

adolescência seria preditora das variáveis do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação corporal) na idade adulta.

Resultados

Caracterização da Amostra

O presente estudo teve a participação de 265 sujeitos de nacionalidade portuguesa, sendo 217 do género feminino (81.9%) e 48 do género masculino (18.1%), com idades compreendidas entre os 18 e os 67 de idade, sendo a média de idades de 32.17 ($DP = 12.792$) anos. A restante caracterização sociodemográfica encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica e Antropométrica da Amostra

	%	<i>n</i>
Género		
Feminino	81.9	217
Masculino	18.1	48
Habilitações Literárias		
1º Ciclo do Ensino Básico	1.9	5
2º Ciclo do Ensino Básico	4.1	11
3º Ciclo do Ensino Básico	7.1	19
Ensino Secundário	25.7	68
Licenciatura – ainda a frequentar	12.1	32
Licenciatura	31.3	83
Mestrado	17.4	46
Doutoramento	0.4	1
Estado Civil		
Solteiro/a	66.4	176
Casado/a	25.7	68

União de facto	4.9	13
Divorciado/a	2.6	7
Separado/a	0.4	1
Situação profissional		
Trabalhador/a dependente	52.1	138
Estudante	21.7	57
Trabalhador/a independente	10.9	29
Estudante-trabalhador/a	7.5	20
Desempregado/a	6.8	18
Reformado/a	1.1	3
IMC ^a		
Baixo peso (<18.00 kg/m ²)	2.6	7
<i>Normo-ponderais</i> (18.01 – 24.99 kg/m ²)	58.5	155
Excesso de peso (25.00 – 29.99 kg/m ²)	22.6	60
Obesidade (≥ 30.00 kg/m ²)	12.5	33

Nota. IMC - Índice de Massa Corporal. ^a significa que há dados de 10 sujeitos omissos.

Análises Correlacionais

Para realização da análise das correlações entre o total da frequência e do impacto das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência e restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação corporal, foi realizado o teste de associação de Correlação de Spearman (r_s), uma vez que as variáveis não seguem uma distribuição normal.

Observou-se a existência de correlação positiva significativa forte, segundo os pontos de corte definidos, onde valores entre .50 e 1 representam uma correlação forte (Cohen, 1988)

entre a experiência de vitimização na infância (BIVES_Total) e a insatisfação corporal (EDE-Q7_IC) em idade adulta, $r_s = .66, p = .003$.

Não foram observadas correlações estatisticamente significativas das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência (BIVES_Total) com a restrição alimentar (EDE-Q7_RA). Não foram encontradas correlacionadas as experiências de vitimização na infância e a preocupação com peso/forma (EDE-Q7_PPF) em idade adulta, os resultados também não se mostraram estatisticamente significativos.

Quando analisados os resultados obtidos, foi possível concluir a existência de correlações estatisticamente significativas de intensidade fraca a moderada da frequência com que ocorrem as experiências de vitimização na infância (BIVES_TotalF) com a restrição alimentar, preocupação com peso e forma e insatisfação corporal em idade adulta, $r_s = .17, p = .022$, $r_s = .37, p < .001$ e $r_s = .39, p < .001$, respectivamente.

Já quando correlacionadas as variáveis do impacto das experiências de vitimização na infância (BIVES_TotalIMP) com a restrição alimentar, preocupação com peso e forma e insatisfação corporal em idade adulta, só a correlação entre a BIVES_TotalIMP e a EDE-Q7_IC é que apresentam uma correlação estatisticamente significativa, $r_s = .66, p = .003$.

De modo a realizar a análise das correlações entre as variáveis IMC e Restrição alimentar, Preocupação com peso/forma e Insatisfação Corporal, foi realizado também o teste de associação de Correlação de Spearman (r_s).

Após a análise dos resultados obtidos, é possível afirmar que todas as correlações realizadas são positivas, destacando-se a correlação positiva estatisticamente significativa mantida entre a variável IMC e EDE-Q7 RA e IMC e EDE-Q7_IC, $r_s = .20, p = .007$ e $r_s = .34, p < .001$, respectivamente. Verifica-se a existência de uma correlação positiva, significativa e forte entre as variáveis BIVES_Total e BIVES_TotalF, $r_s = .92, p < .001$.

Tabela 2

Correlações das Variáveis Experiências de Vitimização Relacionadas com a Imagem Corporal na Infância e Adolescência, Estado Ponderal segundo o IMC, Restrição Alimentar, Preocupação Peso/Forma e Insatisfação Corporal

	<i>n</i>	1	2	3	4	5	6	7
1. BIVES_Total ^a	18	–	.92***	1.00***	-.19	.20	.37	.66**
2. BIVES_TotalF	192		–	.92***	.06	.17*	.37***	.39***
3. BIVES_TotalIMP	18			–	-.19	.20	.37	.66**
4. IMC ^b	265				–	.20**	.13	.34***
5. EDE-Q7 ^c _RA	192					–	.42***	.44***
6. EDE-Q7_PPF	192						–	.77***
7. EDE-Q7_IC	192							–

Nota. Teste de Associação do Coeficiente de Correlação de Spearman. ^aEscala de Experiências de Vitimização Relacionadas com a Imagem Corporal na Infância e Adolescência - BIVES. BIVES_TotalF – Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência. BIVES_TotalIMP – Impacto das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência. ^bÍndice de Massa Corporal. ^cQuestionário do Comportamento Alimentar - EDE-Q7. RA – Restrição Alimentar. PPF – Preocupação com Peso/Forma. IC – Insatisfação Corporal. * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Diferenças Entre Géneros ao Nível da Restrição Alimentar, Preocupação com Peso/Forma e Insatisfação Corporal

De modo a identificar possíveis diferenças ao nível da adoção de comportamentos de restrição alimentar, da preocupação com peso/forma e da insatisfação corporal, em função do género dos sujeitos, recorreu-se ao Teste de Mann-Whitney (U), dado a variável género dispôs de dois grupos independentes (masculino e feminino).

Há diferenças significativas entre os participantes do género feminino ($mdn = 100.04$, $n = 164$) e masculino ($mdn = 75.77$, $n = 28$) ao nível da Preocupação com Peso/forma. $U = 1715.5$, $p = .030$. Também existem diferenças significativas entre o género feminino ($mdn = 100.75$, $n = 164$) e o género masculino ($mdn = 71.63$, $n = 28$), no que concerne à Insatisfação Corporal, $U = 1599.5$, $p = .009$. Assim, é possível identificar que participantes do género feminino relatam maior preocupação com peso/forma e insatisfação corporal comparativamente com os sujeitos do género masculino.

No que respeita às diferenças encontradas entre o género feminino e masculino e a restrição alimentar, não se encontram diferenças estatisticamente significativas, apesar de se verificar que o género feminino apresenta um valor médio ligeiramente superior ao do verificado no género masculino.

Tabela 3

Diferenças Entre Géneros ao Nível da Restrição Alimentar, Preocupação com Peso/Forma e Insatisfação Corporal

	Feminino		Masculino		<i>U</i>	<i>p</i>
	<i>(n = 164)</i>		<i>(n = 28)</i>			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
EDE-Q7 ^a _RA	6.98	.39	6.89	.99	2089.5	.44
EDE-Q7_PPF	7.10	.31	5.36	.64	1715.5	.03*
EDE-Q7_IC	8.10	.31	6.04	.61	1599.5	.01*

Nota. *M* – Média. *DP* – Desvio Padrão. *U* – valor do teste estatístico de Mann-Whitney.

^a Questionário do Comportamento Alimentar - EDE-Q7. RA – Restrição Alimentar. PPF – Preocupação com Peso/Forma. IC – Insatisfação Corporal. **p* < .05

Diferenças Entre Géneros ao Nível da Frequência e do Impacto das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência

Analisou-se as possíveis diferenças entre os géneros masculino e feminino ao nível das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência (impacto e frequência das mesmas).

Após analisar a homogeneidade das variâncias, conclui-se que as variáveis em estudo não seguem uma distribuição normal, a par de não existir homogeneidade das variâncias, e, por isso, não se encontram cumpridos os pressupostos para a utilização de testes paramétricos. Assim, foi realizado o Teste de Mann-Whitney, uma vez que é o teste não paramétrico equivalente.

Deste modo, ao realizar-se os testes, os resultados demonstraram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os géneros, feminino (*mdn* = 9.88, *n* = 16) e

masculino (mdn = 6.50, n = 2), ao nível das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência, $U = 10.00$, $p = .40$. Não foram, também, encontradas diferenças significativas entre o género feminino (mdn = 9.88, n = 16) e o género masculino (mdn = 6.50, n = 2), ao nível do impacto das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência e adolescência, $U = 10.00$, $p = .40$. Por fim, quando analisada a possível existência de diferenças estatísticas entre o género, feminino (mdn = 135.27, n = 217) e masculino (mdn = 122.74, n = 48) e a frequência das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência, os resultados concluem que não existem diferenças estatisticamente significativas, $U = 4715.5$, $p = .30$.

Tabela 4

Diferenças Entre Géneros ao Nível da Frequência e do Impacto das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência

	Feminino		Masculino		<i>U</i>	<i>p</i>
	<i>(n = 217)^a</i>		<i>(n = 48)^a</i>			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
BIVES_Total	.67	.16	.58	.09	10.00	.40
BIVES_TotalIMP	4.01	.98	3.46	.53	10.00	.40
BIVES_TotalF	1.74	.85	1.51	.52	4715.5	.30

Nota. *M* – Média. *DP* – Desvio Padrão. *U* – valor do teste estatístico de Mann-Whitney.

BIVES_Total - Escala de Experiências de Vitimização relacionadas com a Imagem Corporal na Infância e Adolescência. BIVES_TotalIMP - Impacto das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência; BIVES_TotalF - Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência.^a para a variável BIVES_TotalIMP género feminino (n = 16), género masculino (n = 2).

Diferenças ao Nível da Restrição Alimentar, Preocupação com Peso/Forma e Insatisfação Corporal em Função do Estado Ponderal Segundo o IMC

Com vista a testar se a restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação corporal varia em função do estado ponderal segundo o IMC, foi realizado um teste não paramétrico, nomeadamente o Teste de Kruskal-Wallis.

Foi possível observar que, há diferenças significativas ao nível da restrição alimentar e da insatisfação corporal em função do estado ponderal segundo o IMC, $\chi^2(3) = 9.12, p = .03$ e $\chi^2(3) = 21.65, p < .001$, respetivamente.

Tabela 5

Diferenças ao Nível da Restrição Alimentar, Preocupação Peso/Forma e Insatisfação Corporal em Função do Estado Ponderal Segundo o IMC

	IMC				$\chi^2(3)$	<i>p</i>
	Baixo Peso (n = 3)	Normo-ponderais (n = 114)	Excesso de Peso (n = 46)	Obesidade (n = 24)		
	<i>Ordem Média</i>	<i>Ordem Média</i>	<i>Ordem Média</i>	<i>Ordem Média</i>		
EDE-Q7 ^a _RA	65.5	87.83	96.72	121.65	9.12*	.03
EDE-Q7_PPF	83.33	88.21	106.05	99.75	4.08	.25
EDE-Q7_IC	79.33	80.01	114.32	123.33	21.65***	< .001

Nota. IMC - Índice de Massa Corporal. χ^2 - valor do Teste de Kruskal-Wallis. ^a Questionário do Comportamento Alimentar - EDE-Q7. RA - Restrição Alimentar. PPF - Preocupação com Peso/Forma. IC - Insatisfação Corporal. **p* < .05. ****p* < .001

Testes de Mann-Whitney com Correção de Bonferroni, quando realizados para a subescala do EDE-Q7_RA, evidenciam diferenças entre o grupo “Normo-ponderais” e o grupo

“Obesidade”, $U = 866.0$, $p = .004$. Analisando os resultados obtidos na subescala EDE-Q7_IC, foram encontradas diferenças entre o grupo “*Normo-ponderais*” e o grupo “Excesso de Peso”, $U = 1669.5.0$, $p < .001$, assim como entre o grupo “*Normo-ponderais*” e o grupo “Obesidade”, $U = 732.0$, $p < .001$. As restantes comparações não evidenciam diferenças estatisticamente significativas.

Diferenças ao Nível da Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência em Função do Estado Ponderal

Por sua vez, de modo a identificar diferenças ao nível da frequência das experiências de vitimização em relação à imagem corporal ocorridas durante a infância e adolescência em função do estado ponderal segundo o IMC dos participantes, foi realizado novamente o Teste de Kruskal-Wallis.

Não foi possível identificar diferenças estatisticamente significativas ao nível da frequência das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência em função do IMC dos sujeitos.

Tabela 6

Diferenças ao Nível da Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência em Função do Estado Ponderal

	IMC				χ^2 (3)	p
	Baixo Peso	<i>Normo-ponderais</i>	Excesso de Peso	Obesidade		
	(n = 7)	(n = 155)	(n = 60)	(n = 33)		
	<i>Ordem Média</i>	<i>Ordem Média</i>	<i>Ordem Média</i>	<i>Ordem Média</i>		
BIVES_TotalF	170.43	123.04	121.40	154.29	7.79	.05

Nota. IMC - Índice de Massa Corporal. χ^2 - valor do Teste de Kruskal-Wallis. BIVES_TotalF - Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência.

A amostra recolhida de sujeitos que relataram o impacto das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência (BIVES_TotalIMP) é reduzida (n = 17), sendo que não existia nenhum sujeito na categoria do baixo peso e nas restantes categorias, *normo-ponderais*, excesso de peso e obesidade, (n = 6, n = 3, n = 8, respetivamente), e, por isso, não foi realizada a análise. Consequentemente, também a análise referente à BIVES_Total não foi realizada, uma vez que dispunha da mesma amostra que a variável BIVES_TotalIMP.

Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência como Preditora da Psicopatologia do Comportamento Alimentar na Idade Adulta (Restrição Alimentar, Preocupação com Peso/Forma e Insatisfação Corporal)

Considerando a revisão da literatura e as correlações identificadas entre as variáveis em estudo (tabela 2) realizaram-se análises de regressão linear simples, de modo a verificar se a frequência das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência é preditora das variáveis de psicopatologia do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação peso/forma e insatisfação corporal) em idade adulta.

De modo a efetuar a análise, primeiramente, testaram-se os pressupostos da normalidade das variáveis, nomeadamente a homogeneidade, a distribuição e independência dos resíduos entre as variáveis em estudo. Assim, a variável preditora (BIVES_TotalF) assume uma amostra superior a 20 sujeitos ($n = 192$). As variáveis EDE-Q7_PPF e EDE-Q7_IC (variáveis dependentes) mantêm uma relação linear com a variável BIVES_TotalF (variável independente). O valor obtido no teste de Durbin-Watson apresentam-se aproximados de 2, garantindo assim a autocorrelação dos dados. Seguidamente, a distribuição dos dados nos gráficos de regressão de resíduo padronizados e no histograma demonstra que está assegurada a normalidade dos resíduos, havendo, também homocedasticidade da distribuição dos mesmos. Para todos os preditores a tolerância > 0.1 e VIF < 5 . Podendo afirmar-se que os pressupostos para a realização da regressão linear simples estão cumpridos e, por isso, pode ser executada a análise dos dados. Não é verificada uma tendência linear entre as variáveis BIVES_TotalF e EDE-Q7_RA, e não se encontram cumpridos os restantes pressupostos, por essa razão esta análise não foi realizada.

Assim, foi possível concluir que os resultados obtidos da análise de regressão simples demonstram que a BIVES_TotalF prevê a preocupação com peso/forma em idade adulta (EDE-

Q7_PPF). O modelo de regressão simples explica 17 % da variância preocupação com peso/forma em idade adulta ($R^2_{aj} = .17$), sendo significativo, $F(1,190) = 39.52, p < .001$. Maior frequência de experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência está associada a maior preocupação com o peso/forma na idade adulta, $B = 3,52, t = 5.98, p < .001$ (tabela 7).

Também se verificou que a BIVES_TotalF é preditora da insatisfação corporal em idade adulta (EDE-Q7_IC). Sendo que, o modelo de regressão simples explica 17 % da variância insatisfação com a imagem corporal na idade adulta ($R^2_{aj} = .17$), sendo significativo, $F(1,190) = 38.91, p < .001$. Maior frequência de experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência está associada a maior insatisfação com a imagem corporal na idade adulta, $B = 4,47, t = 7.54, p < .001$ (tabela 8).

Tabela 7

Resultados das Regressões Lineares Simples com a Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência como Preditora da Variável Preocupação com Peso/Forma

Variável	B	R ² (R ² ajustado)	F (1,190)	β	t	p
EDE-Q7_PPF	3.52	.17			5.98	< .001***
BIVES_TotalF	1.84		39.52***	4.2	6.29	< .001***

Nota. B - valor do coeficiente não padronizado de beta. R² – valor de R quadrado. β – valor do coeficiente padronizado de beta. t – valor do teste estatístico do Teste T. Questionário do Comportamento Alimentar - EDE-Q7. PPF – Preocupação com Peso/Forma. IC – Insatisfação Corporal. *** $p < .001$

Tabela 8

Resultados das Regressões Lineares Simples com a Frequência das Experiências de Vitimização em Relação à Imagem Corporal na Infância e Adolescência como Preditora da Variável Insatisfação Corporal

Variável	B	R ² (R ² ajustado)	F (1,190)	β	t	p
EDE-Q7_IC	4.47	.17			7.54	< .001***
BIVES_TotalF	1.84		38.91***	.41	6.24	< .001***

Nota. B - valor do coeficiente não padronizado de beta. R² – valor de R quadrado. β – valor do coeficiente padronizado de beta. t – valor do teste estatístico do Teste T. Questionário do Comportamento Alimentar - EDE-Q7. PPF – Preocupação com Peso/Forma. IC – Insatisfação Corporal. *** $p < .001$

Discussão de Resultados

A investigação apresentada procurou compreender as relações entre o comportamento alimentar em idade adulta e as experiências de vitimização relacionadas com a imagem corporal ocorridas na infância e adolescência. Os resultados obtidos a partir das análises dos dados recolhidos, corroboram a literatura (Breton et al., 2023; Day et al., 2022c; Fox & Farrow, 2009; K. S. Lee & Vaillancourt, 2018b), onde se afirma que o comportamento alimentar em idade adulta, com maior foco na insatisfação corporal e na preocupação com peso e forma, parece ser influenciado pelas experiências de vitimização em relação à imagem corporal perpetuadas durante a infância e adolescência. Estas conclusões estão em conformidade com a investigação supra analisada.

Os resultados sugerem a existência de correlação positiva significativa forte entre as experiências de vitimização e a insatisfação corporal, podendo-se assumir que experiências de vitimização ocorridas durante a infância e/ou adolescência estão associadas a maior insatisfação corporal na idade adulta. Ou seja, quanto mais experiências de vitimização um sujeito sofrer durante a infância e/ou adolescência, maior a insatisfação corporal relatada em idade adulta (Eisenberg et al., 2003).

O comportamento alimentar sofre influência de diversos contextos, podendo ser previsto pela frequência com que ocorrem as experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência (Warnick et al., 2022). Apesar de não existir, na literatura, concordância absoluta quando se relaciona a experiência do *bullying* com a insatisfação corporal (de Oliveira Galvão et al., 2023), outros aferem que existe predição entre ambos os conceitos (Cerolini et al., 2024b; S. Wu et al., 2023).

Foi possível verificar, com base nos resultados obtidos, que sujeitos que vivenciam, com maior frequência, experiências de vitimização em relação ao corpo/imagem corporal

durante a infância e adolescência, tendem a adotar comportamentos de restrição alimentar em adultos (Davis et al., 2022). É também relatada maior preocupação dirigida ao peso e à forma corporal, a par de maior insatisfação com o próprio corpo (Shagar et al., 2017). Os dados recolhidos sugerem que quanto maior a frequência em que ocorrem os comportamentos de vitimização, mais vulnerável fica o sujeito para o desenvolvimento de psicopatologia do comportamento alimentar em idade adulta, nomeadamente preocupação com o peso/forma e insatisfação com a imagem corporal.

Também as experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência parecem estar relacionadas com a internalização do autoconceito negativo (Vartanian et al., 2023), e, uma vez que uma percepção negativa pode ser estruturante de comportamentos de preocupação excessiva com a sua aparência e forma física e da insatisfação corporal (Constantian & Zaborek, 2021)

Assim, tal como corroborado pela literatura, sujeitos que vivenciam experiências negativas e comportamentos de intimidação direcionados para o corpo ou a imagem corporal durante a infância e o período da adolescência parecem demonstrar maior insatisfação corporal durante a idade adulta (Zuba & Warschburger, 2017).

Os resultados parecem apontar para a inexistência de diferenças entre os sujeitos do género feminino e os sujeitos do género masculino no que respeita à restrição alimentar. Todavia, quando são analisadas as diferenças entre ambos os géneros no que respeita à preocupação com peso/forma corporal e a insatisfação corporal, é possível perceber que sujeitos inquiridos do género feminino tendem a relatar maior preocupação dirigida para o seu peso e forma corporal, a par de maiores relatos de insatisfação com o seu corpo, tal vai de encontro à literatura existente (Chongwatpol & Gates, 2016; Lee & Vaillancourt, 2019; Rolls et al., 1991).

As diferenças encontradas podem ser justificadas pela pressão social a que o género feminino parece estar particularmente vulnerável no que respeita ao peso e forma corporal (Ferdinands et al., 2022). O facto de o corpo feminino ser alvo de observação constante nos meios sociais, redes sociais (Rodgers et al., 2020) e de ser um alvo fácil de comparações entre outras raparigas/mulheres, leva a que o género feminino tenda a adotar um discurso mais centrado na sua forma e no seu peso, fazendo com que, a longo prazo, experienciem maior insatisfação corporal (Gualdi-Russo et al., 2022; He et al., 2020).

Quando analisados os resultados da literatura recente, é possível afirmar que os sujeitos em excesso de peso ou obesidade, efetivamente, apresentam maior vulnerabilidade para sofrer de estigma relacionado com o corpo, havendo, por isso, uma associação entre o peso e a vitimização (Gmeiner & Warschburger, 2023; Lee et al., 2021; Makowski et al., 2019). Todavia, os resultados obtidos a partir da recolha de dados desta investigação, parecem distanciar-se do que é defendido pelas investigações na área.

Os resultados emergidos da análise da literatura apontam para uma homogeneidade na propensão e vulnerabilidade dos sujeitos para sofrerem de vitimização e discriminação no que concerne o peso e forma corporal, não pelas suas características de género, mas sim para o peso corporal que apresentam, uma vez que indivíduos com excesso de peso ou obesidade relatam maior (Makowski et al., 2019; Puhl & Lessard, 2020).

Os resultados obtidos permitiram identificar que o estado ponderal segundo o IMC está associado ao comportamento alimentar dos sujeitos, verificando-se que indivíduos com excesso de peso ou obesidade tendem a apresentar maior restrição alimentar, crescente preocupação com peso/forma corporal e insatisfação corporal. Estes resultados são congruentes com a literatura (Tomiya et al., 2018).

No que concerne o estado ponderal dos sujeitos da amostra, os resultados das análises efetuadas apontam para a existência de associações com a restrição alimentar, a preocupação com peso/forma corporal e, de forma mais significativa, com a insatisfação corporal (Lee et al., 2021). Ou seja, o valor do estado ponderal dos sujeitos segundo o IMC parece estar associado a preocupações excessivas acerca da forma corporal e do peso, a par de maior frequência na utilização de métodos compensatórios, como a restrição alimentar (Sutter et al., 2015; Trompeter et al., 2022b). A insatisfação corporal parece ser mais notória quando analisados dados de sujeitos com um peso corporal superior (excesso de peso e obesidade) (Gruszka et al., 2022; Hao et al., 2023).

Aquando do estudo realizado, os resultados demonstraram que, quando comparados grupos de sujeitos em diferentes estados ponderal, nomeadamente o grupo de sujeitos com peso normal (*normo-ponderais*), o grupo de sujeitos com excesso de peso e o grupo de sujeitos com obesidade, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas quanto à insatisfação corporal e a restrição alimentar. Isto significa que maior peso corporal pode ter influência negativa no comportamento alimentar dos sujeitos, particularmente na restrição alimentar, insatisfação corporal, estando os resultados em concordância com as restantes investigações (Goel et al., 2021; Mohamed & Idrees, 2023; Ramirez Luque et al., 2023; Weinberger et al., 2016).

Pessoas com obesidade, em comparação com os sujeitos sem obesidade, tendem a ter maior propensão para vivenciar experiências de vitimização e estigma corporal. Ou seja, os estados ponderais segundo o IMC de excesso de peso e obesidade tendem a associar-se a experiências de vitimização em relação à imagem corporal e à discriminação (Fowler et al., 2021).

A obesidade em crianças tende a demonstrar mais vulnerabilidade para, quando adultos, os sujeitos adotarem comportamentos alimentares disfuncionais (Côté et al., 2020; Dubois et al., 2022). Se se considerar que a investigação demonstra que sujeitos em excesso de peso ou obesidade são mais propensos a sofrerem de comportamentos discriminatórios, então é possível associar que valores de IMC influenciam o comportamento alimentar adotado pelo sujeito e na forma como este se percebe (Hayes et al., 2018). Assim, os dados recolhidos da amostra em estudo vão ao encontro do que é afirmado pelas investigações da área de estudo.

Limitações do Estudo e sugestões para investigações futuras

Este estudo apresenta algumas limitações. O facto de os temas abordados poderem, em algumas pessoas, provocar sensações de desconforto e sentimentos de culpa, uma vez que se pede que haja o autorrelato do peso corporal, assim como do comportamento alimentar adotado, pode induzir viés ao nível da desejabilidade social, dado que é inexequível desvincular as percepções pessoais de cada um/a dos participantes das respostas fornecidas.

A extensão do questionário também demonstra uma limitação à investigação em curso, uma vez que, sendo um questionário comum a outras investigações, este apresentava um grande número de perguntas o que pode ter tido como consequência um abandono precoce das respostas, levando à desistência de participantes, ou ao enviesamento das mesmas.

O tamanho da amostra recolhida faz com que não seja possível assegurar a representatividade da amostra a nível nacional, uma vez que não foi assegurada a distribuição territorial das respostas, para este efeito seria necessário expandir a recolha de dados e, assim, aumentar o número de participantes, de modo a torná-la possível de generalização.

A par do referido, também o facto de os dados só apresentarem um momento de recolha, isto é, serem estanques no tempo, traduz-se numa limitação, uma vez que recolher os dados

longitudinalmente de modo a criar uma base de comparação, isto é, comparar os resultados obtidos através dos dados atuais e os resultados obtidos a partir de dados recolhidos mais tarde, fazia com que se tornasse possível compreender as mudanças existentes, a par de explorar diferenças entre sujeitos tendo por base a faixa etária, por exemplo.

Também o facto de a amostra ser composta, na sua grande maioria, por participantes do género feminino faz com que as análises sejam heterogéneas e, quando realizada as diferenças entre os grupos ao nível de género, possam surgir viés nos resultados, dado o reduzido número de participantes do género masculino, acabando as mesmas por poderem ser tendenciosas. Em estudos futuros, seria importante procurar maior homogeneidade na recolha de dados no que respeita ao género, de modo a obter dados mais representativos da população masculina. Assim, seria possível também mitigar a ausência de sujeitos com diferentes estados ponderais do IMC fazendo com que a comparação entre grupos fosse mais representativa.

Futuramente seria interessante obter dados a partir de uma amostra clínica, nomeadamente em pacientes diagnosticados com Perturbações da Alimentação e da Ingestão, com o objetivo de estudar as diferenças, ou semelhanças, encontradas em participantes com diagnóstico de perturbações do comportamento alimentar e participantes sem diagnóstico. Para além do referido, apesar da dificuldade em obter dados da população menor de idade, poderá ser importante incluir na amostra adolescentes, de modo a compreender possível replicação dos dados, ou seja cerca do comportamento alimentar. A par do referido, expandir a amostra de modo a obter dados de participantes com níveis de escolaridade homogéneos, podia permitir estudar de que modo este dado sociodemográfico tem, ou não, impacto nas questões alimentares.

Assim, no que concerne à prática clínica, a investigação apresentada possibilita a inovação e evolução das atuais intervenções no que respeita à promoção de uma imagem corporal

positiva e, conseqüentemente, maior autoestima (Sundgot-Borgen et al., 2020). Permite a implementação de novos programas de consciencialização para os efeitos negativos das experiências de vitimização em relação à imagem corporal perpetuadas durante a infância e adolescência, no desenvolvimento dos sujeitos (Wang et al., 2019), uma vez que o peso corporal permanece como a causa mais comum para estigma e vitimização (Cerolini et al., 2024c; Lian et al., 2018; Russo, 2020). A par de avanços nas investigações que relacionam as experiências de vitimização em relação à imagem corporal com a psicopatologia do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação corporal) (Pearlman et al., 2019)

Apesar das limitações referidas, a amostra que foi recolhida e as conclusões que foram possíveis retirar da análise dos dados, permitem contribuir positivamente para a compreensão dos conceitos das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência e do comportamento alimentar (restrição alimentar, preocupação com peso/forma e insatisfação corporal) (Day et al., 2022d; Trompeter et al., 2022c), assim como a exploração de outros conceitos subjacentes ao tema, como a imagem corporal. A investigação realizada permite, também, a evolução do olhar clínico sobre o preconceito do peso, principalmente em sujeitos com peso corporal mais elevado e a exploração das conseqüências no funcionamento cognitivo e na relação interpessoal (Kohlmann et al., 2018).

Conclusão

Na sociedade contemporânea, temas relacionados com o comportamento alimentar, com a imagem/aparência e com a importância da forma corporal, mostram-se cada vez mais importantes de estudar, uma vez que o uso disseminado das redes sociais, dos *media*, das normas culturais e o estilo de vida adotado têm contribuído significativamente para modificar a forma como os sujeitos se veem a si e o seu papel representativo junto dos demais.

O comportamento alimentar, em específico a restrição alimentar, a preocupação com o peso/forma corporal e insatisfação corporal, surgem como temas cada vez mais difundidos e de fácil acesso a informação, todavia, é imprescindível promover informações fidedignas e representativas das gerações atuais.

A investigação apresentada permite a exploração de associações entre as experiências de vitimização ocorridas durante a infância e/ou a adolescência e o comportamento alimentar adotado em idade adulta, tornando possível compreender a interferência entre ambas as variáveis,.

Os resultados obtidos demonstram que as experiências de vitimização relacionadas com a imagem corporal ocorridas durante a infância e adolescência estão associadas ao comportamento alimentar adotado pelos sujeitos na idade adulta. Sendo que o género feminino tende a relatar maior restrição alimentar, preocupação alimentar e insatisfação corporal comparativamente a indivíduos do género masculino.

A frequência com que ocorrem as experiências de vitimização direcionadas à imagem corporal durante a infância e adolescência, apresentam-se como preditoras da preocupação com o peso/forma e também da insatisfação corporal relatada em idade adulta, coloca-se a hipótese de que uma maior constância das experiências de vitimização direcionadas para a imagem corporal tende a tornar os sujeitos mais vulneráveis a desenvolverem, em idade adulta,

crescente preocupação com o peso/forma e demonstrarem-se mais insatisfeitos com a sua aparência e formato do corpo. Assim, sugere-se que existe a internalização destas experiências negativas, e estas poder ter um impacto negativo na autoimagem dos sujeitos que vivenciaram estas experiências negativas.

Em suma, o comportamento alimentar tem um foco cada vez maior nas gerações atuais, sendo que estas têm um acesso facilitado à informação, mas estão, também, cada vez mais reféns do alcance da perfeição. Com esta investigação, torna-se possível desenvolver novas estratégias e a possibilidade de serem desenhadas novas investigações que permitam a implementação de programas de consciencialização como forma de mitigar a expansão das experiências de vitimização em relação à imagem corporal na infância e adolescência mediante as idiosincrasias dos sujeitos.

Referências

- Abdoli, M., Scotto Rosato, M., Cipriano, A., Napolano, R., Cotrufo, P., Barberis, N., & Cella, S. (2023). Affect, Body, and Eating Habits in Children: A Systematic Review. *Nutrients*, *15*(15), 3343. <https://doi.org/10.3390/nu15153343>
- Ábrahám, I., Jambrik, M., John, B., Németh, A. R., Franczia, N., & Csenki, L. (2017). A testképtől a testképzavarig. *Orvosi Hetilap*, *158*(19), 723–730. <https://doi.org/10.1556/650.2017.30752>
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5 - Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (Climepsi Editores, Ed.; Quinta edição).
- Artoni, P., Chierici, M. L., Arnone, F., Cigarini, C., De Bernardis, E., Galeazzi, G. M., Minneci, D. G., Scita, F., Turrini, G., De Bernardis, M., & Pingani, L. (2021). Body perception treatment, a possible way to treat body image disturbance in eating disorders: a case–control efficacy study. *Eating and Weight Disorders*, *26*(2), 499–514. <https://doi.org/10.1007/s40519-020-00875-x>
- Ata, R. N., Ludden, A. B., & Lally, M. M. (2007). The Effects of Gender and Family, Friend, and Media Influences on Eating Behaviors and Body Image During Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *36*(8), 1024–1037. <https://doi.org/10.1007/s10964-006-9159-x>
- Bassett-Gunter, R., McEwan, D., & Kamarhie, A. (2017). Physical activity and body image among men and boys: A meta-analysis. *Body Image*, *22*, 114–128. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2017.06.007>
- Bidstrup, H., Brennan, L., Kaufmann, L., & de la Piedad Garcia, X. (2022). Internalised weight stigma as a mediator of the relationship between experienced/perceived

weight stigma and biopsychosocial outcomes: a systematic review. *International Journal of Obesity*, 46(1), 1–9. <https://doi.org/10.1038/s41366-021-00982-4>

Blundell, E., De Stavola, B. L., Kellock, M. D., Kelly, Y., Lewis, G., McMunn, A., Nicholls, D., Patalay, P., & Solmi, F. (2024). Longitudinal pathways between childhood BMI, body dissatisfaction, and adolescent depression: an observational study using the UK Millennium Cohort Study. *The Lancet Psychiatry*, 11(1), 47–55. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(23\)00365-6](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(23)00365-6)

Bonfim, G. W., Nascimento, I. P. C., & Borges, N. B. (2016). Transtorno Dismórfico Corporal: revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 9(2). <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.92.09>

Bordeleau, M., Leduc, G., Blanchet, C., Drapeau, V., & Alméras, N. (2021). Body Size Misperception and Dissatisfaction in Elementary School Children. *Childhood Obesity*, chi.2020.0221. <https://doi.org/10.1089/chi.2020.0221>

Breton, É., Côté, S. M., Dubois, L., Vitaro, F., Boivin, M., Tremblay, R. E., & Booij, L. (2023). Childhood Overeating and Disordered Eating From Early Adolescence to Young Adulthood: A Longitudinal Study on the Mediating Role of BMI, Victimization and Desire for Thinness. *Journal of Youth and Adolescence*, 52(8), 1582–1594. <https://doi.org/10.1007/s10964-023-01796-5>

Brewis, A., SturtzSreetharan, C., & Wutich, A. (2018). Obesity stigma as a globalizing health challenge. *Globalization and Health*, 14(1), 20. <https://doi.org/10.1186/s12992-018-0337-x>

Bruce, L. J., & Ricciardelli, L. A. (2016). A systematic review of the psychosocial correlates of intuitive eating among adult women. *Appetite*, 96, 454–472. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2015.10.012>

- Burychka, D., Miragall, M., & Baños, R. M. (2021). Towards a Comprehensive Understanding of Body Image: Integrating Positive Body Image, Embodiment and Self-Compassion. *Psychologica Belgica*, *61*(1), 248–261. <https://doi.org/10.5334/pb.1057>
- Carey, F. R., Wilkinson, A. V., Ranjit, N., Mandell, D., & Hoelscher, D. M. (2018). Perceived Weight and Bullying Victimization in Boys and Girls. *Journal of School Health*, *88*(3), 217–226. <https://doi.org/10.1111/josh.12600>
- Cash, T. F. (1994). Body-Image Attitudes: Evaluation, Investment, and Affect. *Perceptual and Motor Skills*, *78*(3_suppl), 1168–1170. <https://doi.org/10.2466/pms.1994.78.3c.1168>
- Cerolini, S., Vacca, M., Zegretti, A., Zagaria, A., & Lombardo, C. (2024a). Body shaming and internalized weight bias as potential precursors of eating disorders in adolescents. *Frontiers in Psychology*, *15*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1356647>
- Cerolini, S., Vacca, M., Zegretti, A., Zagaria, A., & Lombardo, C. (2024b). Body shaming and internalized weight bias as potential precursors of eating disorders in adolescents. *Frontiers in Psychology*, *15*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1356647>
- Cerolini, S., Vacca, M., Zegretti, A., Zagaria, A., & Lombardo, C. (2024c). Body shaming and internalized weight bias as potential precursors of eating disorders in adolescents. *Frontiers in Psychology*, *15*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1356647>
- Chongwatpol, P., & Gates, G. E. (2016). Differences in body dissatisfaction, weight-management practices and food choices of high-school students in the Bangkok

metropolitan region by gender and school type. *Public Health Nutrition*, 19(7), 1222–1232. <https://doi.org/10.1017/S1368980016000100>

Choukas-Bradley, S., Roberts, S. R., Maheux, A. J., & Nesi, J. (2022). The Perfect Storm: A Developmental–Sociocultural Framework for the Role of Social Media in Adolescent Girls’ Body Image Concerns and Mental Health. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 25(4), 681–701. <https://doi.org/10.1007/s10567-022-00404-5>

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd Ed.). New York: Routledge

Cohen, R., Newton-John, T., & Slater, A. (2021). The case for body positivity on social media: Perspectives on current advances and future directions. *Journal of Health Psychology*, 26(13), 2365–2373. <https://doi.org/10.1177/1359105320912450>

Constantian, M. B., & Zaborek, N. (2021). The Prevalence of Adverse Childhood Experiences, Body Shame, and Revision Request Rate in 218 Plastic Surgery Patients: What Drives Postoperative Dissatisfaction? *Plastic & Reconstructive Surgery*, 148(6), 1233–1246. <https://doi.org/10.1097/PRS.00000000000008567>

Copeland, W. E., Bulik, C. M., Zucker, N., Wolke, D., Lereya, S. T., & Costello, E. J. (2015). Does childhood bullying predict eating disorder symptoms? A prospective, longitudinal analysis. *International Journal of Eating Disorders*, 48(8), 1141–1149. <https://doi.org/10.1002/eat.22459>

Cornelissen, K. K., Widdrington, H., McCarty, K., Pollet, T. V., Tovée, M. J., & Cornelissen, P. L. (2019). Are attitudinal and perceptual body image the same or different? Evidence from high-level adaptation. *Body Image*, 31, 35–47. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.08.001>

- Corno, G., Serino, S., Cipresso, P., Baños, R. M., & Riva, G. (2018). Assessing the Relationship Between Attitudinal and Perceptual Component of Body Image Disturbance Using Virtual Reality. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *21*(11), 679–686. <https://doi.org/10.1089/cyber.2018.0340>
- Côté, M., Legendre, M., Aimé, A., Brault, M.-C., Dion, J., & Bégin, C. (2020). The paths to children's disordered eating: The implications of BMI, weight-related victimization, body dissatisfaction and parents' disordered eating. *Clinical Psychology in Europe*, *2*(1). <https://doi.org/10.32872/cpe.v2i1.2689>
- Croll, J. (2005). *BODY IMAGE AND ADOLESCENTS*. http://www.epi.umn.edu/let/pubs/adol_book.shtm
- Cruz-Sáez, S., Pascual, A., Salaberria, K., Etxebarria, I., & Echeburúa, E. (2015). Risky eating behaviors and beliefs among adolescent girls. *Journal of Health Psychology*, *20*(2), 154–163. <https://doi.org/10.1177/1359105313500683>
- Czeczor-Bernat, K. (2022). The Role of Body Shame and Age on Appearance-Based Exercise and Positive Body Image in Women from Poland: Preliminary Results of a Cluster Analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *19*(23), 15741. <https://doi.org/10.3390/ijerph192315741>
- Davis, J., James Bateman, C., Pearce-Dunbar, V., Powell, M., & Harrison, A. (2022). Exploring the impact of BMI on body dissatisfaction and eating behaviors among Caribbean university women. *Psychology, Health & Medicine*, *27*(10), 2096–2104. <https://doi.org/10.1080/13548506.2021.1990365>
- Day, S., Bussey, K., Trompeter, N., & Mitchison, D. (2022a). The Impact of Teasing and Bullying Victimization on Disordered Eating and Body Image Disturbance Among

- Adolescents: A Systematic Review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 23(3), 985–1006.
<https://doi.org/10.1177/1524838020985534>
- Day, S., Bussey, K., Trompeter, N., & Mitchison, D. (2022b). The Impact of Teasing and Bullying Victimization on Disordered Eating and Body Image Disturbance Among Adolescents: A Systematic Review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 23(3), 985–1006.
<https://doi.org/10.1177/1524838020985534>
- Day, S., Bussey, K., Trompeter, N., & Mitchison, D. (2022c). The Impact of Teasing and Bullying Victimization on Disordered Eating and Body Image Disturbance Among Adolescents: A Systematic Review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 23(3), 985–1006.
<https://doi.org/10.1177/1524838020985534>
- Day, S., Bussey, K., Trompeter, N., & Mitchison, D. (2022d). The Impact of Teasing and Bullying Victimization on Disordered Eating and Body Image Disturbance Among Adolescents: A Systematic Review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 23(3), 985–1006.
<https://doi.org/10.1177/1524838020985534>
- Diego Díaz Plaza, M., Novalbos Ruiz, J. P., Rodríguez Martín, A., Santi Cano, M. J., & Belmonte Cortés, S. (2022). Social media and cyberbullying in eating disorders. *Nutricion Hospitalaria*, 39(Ext2), 62–67. <https://doi.org/10.20960/nh.04180>
- Divecha, C. A., Simon, M. A., Asaad, A. A., & Tayyab, H. (2021). Body Image Perceptions and Body Image Dissatisfaction among Medical Students in Oman. *Sultan Qaboos University Medical Journal [SQUMJ]*.
<https://doi.org/10.18295/squmj.8.2021.121>
- Donato, K., Ceccarini, M. R., Dhuli, K., Bonetti, G., Medori, M. C., Marceddu, G., Precone, V., Xhufi, S., Bushati, M., Bozo, D., Beccari, T., & Bertelli, M. (2022). Gene variants in eating disorders. Focus on anorexia nervosa, bulimia nervosa, and

binge-eating disorder. *Journal of preventive medicine and hygiene*, 63(2 Suppl 3), E297–E305. <https://doi.org/10.15167/2421-4248/jpmh2022.63.2S3.2772>

Duarte, C., & Pinto-Gouveia, J. (2017). Body image as a target of victimization by peers/parents: Development and validation of the Body Image Victimization Experiences Scale. *Women & Health*, 57(9), 1061–1079. <https://doi.org/10.1080/03630242.2016.1243603>

Duarte, C., Pinto-Gouveia, J., & Stubbs, R. J. (2017). The prospective associations between bullying experiences, body image shame and disordered eating in a sample of adolescent girls. *Personality and Individual Differences*, 116, 319–325. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.05.003>

Dubois, L., Bédard, B., Goulet, D., Prud'homme, D., Tremblay, R. E., & Boivin, M. (2022). Eating behaviors, dietary patterns and weight status in emerging adulthood and longitudinal associations with eating behaviors in early childhood. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 19(1), 139. <https://doi.org/10.1186/s12966-022-01376-z>

Eck, K. M., Quick, V., & Byrd-Bredbenner, C. (2022). Body Dissatisfaction, Eating Styles, Weight-Related Behaviors, and Health among Young Women in the United States. *Nutrients*, 14(18), 3876. <https://doi.org/10.3390/nu14183876>

Eisenberg, M. E., Neumark-Sztainer, D., & Story, M. (2003). Associations of Weight-Based Teasing and Emotional Well-being Among Adolescents. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 157(8), 733. <https://doi.org/10.1001/archpedi.157.8.733>

- Fairburn, C. G. (2008). Eating disorders: The transdiagnostic view and the cognitive behavioral theory. . *Cognitive Behavior Therapy and Eating Disorders* , Guilford Press, 7–22.
- Fairburn, C. G., & Beglin, S. J. (1994). Assessment of eating disorders: interview or self-report questionnaire? *The International Journal of Eating Disorders*, 16(4), 363–370.
- Fairburn, C. G., Cooper, Z., & Shafran, R. (2003a). Cognitive behaviour therapy for eating disorders: a “transdiagnostic” theory and treatment. *Behaviour Research and Therapy*, 41(5), 509–528. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(02\)00088-8](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(02)00088-8)
- Fairburn, C. G., Cooper, Z., & Shafran, R. (2003b). Cognitive behaviour therapy for eating disorders: a “transdiagnostic” theory and treatment. *Behaviour Research and Therapy*, 41(5), 509–528. [https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(02\)00088-8](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(02)00088-8)
- Fairburn, C. G., Kirk, J., O’Connor, M., & Cooper, P. J. (1986). A comparison of two psychological treatments for bulimia nervosa. *Behaviour Research and Therapy*, 24(6), 629–643. [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(86\)90058-6](https://doi.org/10.1016/0005-7967(86)90058-6)
- Fardouly, J., Diedrichs, P. C., Vartanian, L. R., & Halliwell, E. (2015). Social comparisons on social media: The impact of Facebook on young women’s body image concerns and mood. *Body Image*, 13, 38–45. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2014.12.002>
- Fardouly, J., & Vartanian, L. R. (2016). Social Media and Body Image Concerns: Current Research and Future Directions. *Current Opinion in Psychology*, 9, 1–5. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2015.09.005>

- Farrow, C. V., & Tarrant, M. (2009a). Weight-based discrimination, body dissatisfaction and emotional eating: The role of perceived social consensus. *Psychology & Health, 24*(9), 1021–1034. <https://doi.org/10.1080/08870440802311348>
- Farrow, C. V., & Tarrant, M. (2009b). Weight-based discrimination, body dissatisfaction and emotional eating: The role of perceived social consensus. *Psychology & Health, 24*(9), 1021–1034. <https://doi.org/10.1080/08870440802311348>
- Ferdinands, A. R., McHugh, T.-L. F., Storey, K., & Raine, K. D. (2022). “We’re categorized in these sizes—that’s all we are”: uncovering the social organization of young women’s weight work through media and fashion. *BMC Public Health, 22*(1), 1193. <https://doi.org/10.1186/s12889-022-13607-w>
- Fernández-Bustos, J. G., Infantes-Paniagua, Á., Gonzalez-Martí, I., & Contreras-Jordán, O. R. (2019). Body dissatisfaction in adolescents: Differences by sex, bmi and type and organisation of physical activity. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 16*(17). <https://doi.org/10.3390/ijerph16173109>
- Forster, M., Grigsby, T. J., Gower, A. L., Mehus, C. J., & McMorris, B. J. (2020). The Role of Social Support in the Association between Childhood Adversity and Adolescent Self-injury and Suicide: Findings from a Statewide Sample of High School Students. *Journal of Youth and Adolescence, 49*(6), 1195–1208. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01235-9>
- Fowler, L. A., Kracht, C. L., Denstel, K. D., Stewart, T. M., & Staiano, A. E. (2021). Bullying experiences, body esteem, body dissatisfaction, and the moderating role of weight status among adolescents. *Journal of Adolescence, 91*(1), 59–70. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2021.07.006>

- Fox, C. L., & Farrow, C. V. (2009). Global and physical self-esteem and body dissatisfaction as mediators of the relationship between weight status and being a victim of bullying. *Journal of Adolescence*, 32(5), 1287–1301. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2008.12.006>
- Frank, G. K. W., Shott, M. E., & DeGuzman, M. C. (2019). The Neurobiology of Eating Disorders. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 28(4), 629–640. <https://doi.org/10.1016/j.chc.2019.05.007>
- Galvão, P. P. O., Valente, J. Y., Cogo-Moreira, H., Mari, J. J., & Sanchez, Z. M. (2023). Bullying as a Risk Factor for Eating Disorder Behaviors Among Students: Secondary Analysis for a Cluster Randomized Controlled Trial. *Child Psychiatry & Human Development*, 54(5), 1404–1414. <https://doi.org/10.1007/s10578-022-01343-6>
- Ganapathy, S. S., Tan, L., Sooryanarayana, R., Hashim, M. H., Saminathan, T. A., Ahmad, F. H., Salleh, R., & Abdul Aziz, N. S. (2019). Body Weight, Body Weight Perception, and Bullying Among Adolescents in Malaysia. *Asia Pacific Journal of Public Health*, 31(8_suppl), 38S-47S. <https://doi.org/10.1177/1010539519879339>
- Gattario, K. H., Lindwall, M., & Frisén, A. (2020). Life after childhood bullying: Body image development and disordered eating in adulthood. *International Journal of Behavioral Development*, 44(3), 246–255. <https://doi.org/10.1177/0165025419877971>
- Girard, M., Rodgers, R. F., & Chabrol, H. (2018). Prospective predictors of body dissatisfaction, drive for thinness, and muscularity concerns among young women in France: A sociocultural model. *Body Image*, 26, 103–110. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2018.07.001>

- Goel, N. J., Thomas, B., Boutté, R. L., Kaur, B., & Mazzeo, S. E. (2021). Body Image and Eating Disorders Among South Asian American Women: What Are We Missing? *Qualitative Health Research*, 31(13), 2512–2527. <https://doi.org/10.1177/10497323211036896>
- Grabe, S., Ward, L. M., & Hyde, J. S. (2008). The role of the media in body image concerns among women: A meta-analysis of experimental and correlational studies. *Psychological Bulletin*, 134(3), 460–476. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.134.3.460>
- Gruszka, W., Owczarek, A. J., Glinianowicz, M., Bąk-Sosnowska, M., Chudek, J., & Olszanecka-Glinianowicz, M. (2022). Perception of body size and body dissatisfaction in adults. *Scientific Reports*, 12(1), 1159. <https://doi.org/10.1038/s41598-021-04706-6>
- Gualdi-Russo, E., Rinaldo, N., Masotti, S., Bramanti, B., & Zaccagni, L. (2022). Sex Differences in Body Image Perception and Ideals: Analysis of Possible Determinants. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(5), 2745. <https://doi.org/10.3390/ijerph19052745>
- Gualdi-Russo, E., Rinaldo, N., & Zaccagni, L. (2022). Physical Activity and Body Image Perception in Adolescents: A Systematic Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(20), 13190. <https://doi.org/10.3390/ijerph192013190>
- Hamamoto, Y., Suzuki, S., Motoki, K., Oba, K., Kawashima, R., & Sugiura, M. (2023). Neural mechanisms of perceptual and affective body-image disturbance during own-body and ideal-body estimation. *Behavioural Brain Research*, 444, 114349. <https://doi.org/10.1016/j.bbr.2023.114349>

- Hao, M., Yang, J., Xu, S., Yan, W., Yu, H., & Wang, Q. (2023). The relationship between body dissatisfaction, lifestyle, and nutritional status among university students in Southern China. *BMC Psychiatry*, 23(1), 705. <https://doi.org/10.1186/s12888-023-05215-8>
- Harðardóttir, H., Hauksdóttir, A., & Björnsson, A. S. (2019). Líkamsskynjunarröskun: Helstu einkenni, algengi, greining og meðferð. *Læknablaðið*, 2019(03), 125–131. <https://doi.org/10.17992/lbl.2019.03.222>
- Hay, P., Aouad, P., Le, A., Marks, P., Maloney, D., Barakat, S., Boakes, R., Brennan, L., Bryant, E., Byrne, S., Caldwell, B., Calvert, S., Carroll, B., Castle, D., Caterson, I., Chelius, B., Chiem, L., Clarke, S., Conti, J., ... Maguire, S. (2023). Epidemiology of eating disorders: population, prevalence, disease burden and quality of life informing public policy in Australia—a rapid review. *Journal of Eating Disorders*, 11(1), 23. <https://doi.org/10.1186/s40337-023-00738-7>
- Hayes, J. F., Fitzsimmons-Craft, E. E., Karam, A. M., Jakubiak, J., Brown, M. L., & Wilfley, D. E. (2018). Disordered Eating Attitudes and Behaviors in Youth with Overweight and Obesity: Implications for Treatment. *Current Obesity Reports*, 7(3), 235–246. <https://doi.org/10.1007/s13679-018-0316-9>
- He, J., Sun, S., Zickgraf, H. F., Lin, Z., & Fan, X. (2020). Meta-analysis of gender differences in body appreciation. *Body Image*, 33, 90–100. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.02.011>
- Holland, G., & Tiggemann, M. (2016). A systematic review of the impact of the use of social networking sites on body image and disordered eating outcomes. *Body Image*, 17, 100–110. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.02.008>
- Hosseini, S. A., & Padhy, R. K. (2023). *Body Image Distortion*.

- Jalali-Farahani, S., Amiri, P., Zarani, F., & Azizi, F. (2023). A Qualitative Exploration of Body Image from the Perspective of Adolescents with a Focus on Psychological Aspects: Findings from Iran. *Child Psychiatry and Human Development*, 54(1), 202–212. <https://doi.org/10.1007/s10578-021-01235-1>
- Jankauskiene, R., & Baceviciene, M. (2019). Body Image Concerns and Body Weight Overestimation Do Not Promote Healthy Behaviour: Evidence from Adolescents in Lithuania. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(5), 864. <https://doi.org/10.3390/ijerph16050864>
- Kar, P. (2019). Partha Kar: Dieting and body shaming. In *BMJ (Online)* (Vol. 364). BMJ Publishing Group. <https://doi.org/10.1136/bmj.11222>
- Kaushik, P., & Batra, B. (2022). *Impacts of body image shaming Body Image Shame, Appearance Anxiety, and Mental Health Well-Being among Young Adults Victims of Body Shaming Impacts of body image shaming*. www.rj4allpublications.com
- Kerin, J. L., Webb, H. J., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2019). Intuitive, mindful, emotional, external and regulatory eating behaviours and beliefs: An investigation of the core components. *Appetite*, 132, 139–146. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2018.10.011>
- Kilpela, L. S., Verzijl, C. L., & Becker, C. B. (2021). Body image in older women: a mediator of BMI and wellness behaviors. *Journal of Women & Aging*, 33(3), 298–311. <https://doi.org/10.1080/08952841.2019.1692629>
- Kimball, H., Fuller-Tyszkiewicz, M., De Paoli, T., McKinlay, A., & Krug, I. (2019). Testing a new interpersonal model of disordered eating between Australian and East-Asian women: The relationships between theory of mind, maladaptive schemas, and appearance-based rejection sensitivity. *Psychiatry Research*, 275, 1–9. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.02.065>

- Kohlmann, C.-W., Eschenbeck, H., Heim-Dreger, U., Hock, M., Platt, T., & Ruch, W. (2018). Fear of Being Laughed at in Children and Adolescents: Exploring the Importance of Overweight, Underweight, and Teasing. *Frontiers in Psychology, 9*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01447>
- Konstantakopoulos, G., Varsou, E., Dikeos, D., Ioannidi, N., Gonidakis, F., Papadimitriou, G., & Oulis, P. (2012). Delusionalities of body image beliefs in eating disorders. *Psychiatry Research, 200*(2–3), 482–488. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2012.03.023>
- Koo, T. K., & Li, M. Y. (2016). A Guideline of Selecting and Reporting Intraclass Correlation Coefficients for Reliability Research. *Journal of Chiropractic Medicine, 15*(2), 155–163. <https://doi.org/10.1016/j.jcm.2016.02.012>
- LaCaille, L. (2020a). Eating Behavior. In *Encyclopedia of Behavioral Medicine* (pp. 711–712). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-39903-0_1613
- LaCaille, L. (2020b). Eating Behavior. In *Encyclopedia of Behavioral Medicine* (pp. 711–712). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-030-39903-0_1613
- Lacroix, E., Smith, A. J., Husain, I. A., Orth, U., & von Ranson, K. M. (2023). Normative body image development: A longitudinal meta-analysis of mean-level change. *Body Image, 45*, 238–264. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.03.003>
- Lance, C. E., Butts, M. M., & Michels, L. C. (2006). The Sources of Four Commonly Reported Cutoff Criteria. *Organizational Research Methods, 9*(2), 202–220. <https://doi.org/10.1177/1094428105284919>

- Lee, K. M., Hunger, J. M., & Tomiyama, A. J. (2021). Weight stigma and health behaviors: evidence from the Eating in America Study. *International Journal of Obesity*, *45*(7), 1499–1509. <https://doi.org/10.1038/s41366-021-00814-5>
- Lee, K. S., & Vaillancourt, T. (2018a). Developmental pathways between peer victimization, psychological functioning, disordered eating behavior, and body mass index: A review and theoretical model. *Aggression and Violent Behavior*, *39*, 15–24. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.01.004>
- Lee, K. S., & Vaillancourt, T. (2018b). Longitudinal Associations Among Bullying by Peers, Disordered Eating Behavior, and Symptoms of Depression During Adolescence. *JAMA Psychiatry*, *75*(6), 605. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2018.0284>
- Lee, K. S., & Vaillancourt, T. (2019). Body mass index, peer victimization, and body dissatisfaction across 7 years of childhood and adolescence: Evidence of moderated and mediated pathways. *Developmental Science*, *22*(2). <https://doi.org/10.1111/desc.12734>
- Lestari, S. (2019). Bullying or Body Shaming? Young Women in Patient Body Dysmorphic Disorder. In *Philanthropy Journal of Psychology* (Vol. 3). Online. <http://journals.usm.ac.id/index.php/philanthropy>
- Leuba, A. L., Meyer, A. H., Kakebeeke, T. H., Stülb, K., Arhab, A., Zysset, A. E., Leeger-Aschmann, C. S., Schmutz, E. A., Kriemler, S., Jenni, O. G., Puder, J. J., Munsch, S., & Messerli-Bürgy, N. (2022). The relationship of parenting style and eating behavior in preschool children. *BMC Psychology*, *10*(1), 275. <https://doi.org/10.1186/s40359-022-00981-8>

- Lian, Q., Su, Q., Li, R., Elgar, F. J., Liu, Z., & Zheng, D. (2018). The association between chronic bullying victimization with weight status and body self-image: a cross-national study in 39 countries. *PeerJ*, 6, e4330. <https://doi.org/10.7717/peerj.4330>
- Liao, H.-E., & Deng, Y.-M. (2021). The Role of Caregiver's Feeding Pattern in the Association between Parents' and Children's Healthy Eating Behavior: Study in Taichung, Taiwan. *Children*, 8(5), 369. <https://doi.org/10.3390/children8050369>
- Longobardi, C., Fabris, M. A., Prino, L. E., & Settanni, M. (2021). The Role of Body Image Concerns in Online Sexual Victimization among Female Adolescents: The Mediating Effect of Risky Online Behaviors. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 14(1), 51–60. <https://doi.org/10.1007/s40653-020-00301-5>
- Lozano-Muñoz, N., Borrallo-Riego, Á., & Guerra-Martín, M. D. (2022). Impact of social network use on anorexia and bulimia in female adolescents: a systematic review. *Anales Del Sistema Sanitario de Navarra*, 45(2). <https://doi.org/10.23938/ASSN.1009>
- Lucibello, K. M., O'Loughlin, E. K., Sabiston, C. M., Malouka, S., O'Rourke, R. H., & O'Loughlin, J. L. (2023). Body-related shame and authentic pride are independently associated with self-rated health in young adults. *Health Promotion and Chronic Disease Prevention in Canada*, 43(6), 271–280. <https://doi.org/10.24095/hpcdp.43.6.01>
- Lucibello, K. M., Sabiston, C. M., Pila, E., & Arbour-Nicitopoulos, K. (2023). An integrative model of weight stigma, body image, and physical activity in adolescents. *Body Image*, 45, 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.01.003>

- Lunde, C., & Frisén, A. (2011). On being victimized by peers in the advent of adolescence: Prospective relationships to objectified body consciousness. *Body Image*, 8(4), 309–314. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2011.04.010>
- Machado, P. P. P., Grilo, C. M., Rodrigues, T. F., Vaz, A. R., & Crosby, R. D. (2020). Eating Disorder Examination – Questionnaire short forms: A comparison. *International Journal of Eating Disorders*, 53(6), 937–944. <https://doi.org/10.1002/eat.23275>
- Machado, P. P. P., Machado, B. C., Gonçalves, S., & Hoek, H. W. (2006). *Prevalence of EDNOS I The prevalence of Eating Disorders Not Otherwise Specified*.
- Makowski, A. C., Kim, T. J., Luck-Sikorski, C., & von dem Knesebeck, O. (2019). Social deprivation, gender and obesity: multiple stigma? Results of a population survey from Germany. *BMJ Open*, 9(4), e023389. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2018-023389>
- Mallaram, G. K., Sharma, P., Kattula, D., Singh, S., & Pavuluru, P. (2023). Body image perception, eating disorder behavior, self-esteem and quality of life: a cross-sectional study among female medical students. *Journal of Eating Disorders*, 11(1), 225. <https://doi.org/10.1186/s40337-023-00945-2>
- Marquez, B., Zhang, X., Huang, X., Mendoza-Vasconez, A., Benitez, T., & Marcus, B. (2024). Body image and physical activity in Latinas. *Journal of Behavioral Medicine*, 47(3), 531–536. <https://doi.org/10.1007/s10865-024-00472-8>
- Matos, M., & Pinto-Gouveia, J. (2009). Shame as a traumatic memory. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, n/a-n/a. <https://doi.org/10.1002/cpp.659>

- Mensingher, J. L. (2022). Traumatic stress, body shame, and internalized weight stigma as mediators of change in disordered eating: a single-arm pilot study of the Body Trust® framework. *Eating Disorders*, 30(6), 618–646. <https://doi.org/10.1080/10640266.2021.1985807>
- Mills, J. S., Minister, C., & Samson, L. (2022). Enriching sociocultural perspectives on the effects of idealized body norms: Integrating shame, positive body image, and self-compassion. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.983534>
- Miranda, V. P. N., De Morais, N. S., De Faria, E. R., Dos Santos Amorim, P. R., Marins, J. C. B., Do Carmo Castro Franceschini, S., Teixeira, P. C., & Priore, S. E. (2018). Body dissatisfaction, physical activity, and sedentary behavior in female adolescents. *Revista Paulista de Pediatria*, 36(4), 482–490. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/;2018;36;4;00005>
- Mohamed, B. A. A., & Idrees, M. H. D. (2023). Body image dissatisfaction and its relation to body mass index among female medical students in Sudan: across-sectional study 2020-2021. *BMC Women's Health*, 23(1), 593. <https://doi.org/10.1186/s12905-023-02748-8>
- Nanu, C., Tăut, D., & Băban, A. (n.d.). *Why Adolescents Are Not Happy With Their Body Image?*
- Nechita, D., Bud, S., & David, D. (2021). Shame and eating disorders symptoms: A meta-analysis. *International Journal of Eating Disorders*, 54(11), 1899–1945. <https://doi.org/10.1002/eat.23583>
- Nesi, J., Choukas-Bradley, S., Maheux, A. J., Roberts, S. R., Sanzari, C. M., Widman, L., & Prinstein, M. J. (2021). Selfie appearance investment and peer feedback concern:

- Multimethod investigation of adolescent selfie practices and adjustment. *Psychology of Popular Media*, 10(4), 488–499. <https://doi.org/10.1037/ppm0000342>
- Nicklaus, S. (2016). Relationships between early flavor exposure, and food acceptability and neophobia. In *Flavor* (pp. 293–311). Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-100295-7.00014-1>
- Nomura, K., Itakura, Y., Minamizono, S., Okayama, K., Suzuki, Y., Takemi, Y., Nakanishi, A., Eto, K., Takahashi, H., Kawata, Y., Asakura, H., Matsuda, Y., Kaibara, N., Hamanaka, S., & Kodama, H. (2021). The Association of Body Image Self-Discrepancy With Female Gender, Calorie-Restricted Diet, and Psychological Symptoms Among Healthy Junior High School Students in Japan. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.576089>
- Oliveira, S., Trindade, I., & Ferreira, C. (2018). Explaining male body attitudes: the role of early peer emotional experiences and shame. *Eating and Weight Disorders - Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity*, 23(6), 807–815. <https://doi.org/10.1007/s40519-018-0569-z>
- O’Loughlen, E., Grant, S., & Galligan, R. (2022). Shame and binge eating pathology: A systematic review. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 29(1), 147–163. <https://doi.org/10.1002/cpp.2615>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2021, July 19). *Fact sheet | Body shaming*.
- Ozbardakci, E. V., & Lydecker, J. A. (2023). Reframing How Providers Advocate for Adolescent Well-Being in Body Image, Eating, and Weight. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 62(9), 957–962. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2023.03.008>

- Paslakis, G., Scholz-Hehn, A. D., Sommer, L. M., & Kühn, S. (2021). Implicit bias to food and body cues in eating disorders: a systematic review. *Eating and Weight Disorders - Studies on Anorexia, Bulimia and Obesity*, 26(5), 1303–1321. <https://doi.org/10.1007/s40519-020-00974-9>
- Paxton, S. J., & Damiano, S. R. (2017). *The Development of Body Image and Weight Bias in Childhood* (pp. 269–298). <https://doi.org/10.1016/bs.acdb.2016.10.006>
- Pearlman, A. T., Murphy, M. A., Raiciulescu, S., Gray, J. C., Klein, D. A., & Schvey, N. A. (2023). The prospective relationship between weight-based discrimination and eating pathology among youth. *Eating Behaviors*, 49, 101746. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2023.101746>
- Pearlman, A. T., Schvey, N. A., Higgins Neyland, M. K., Solomon, S., Hennigan, K., Schindler, R., Leu, W., Gillmore, D., Shank, L. M., Lavender, J. M., Burke, N. L., Wilfley, D. E., Sbrocco, T., Stephens, M., Jorgensen, S., Klein, D., Quinlan, J., & Tanofsky-Kraff, M. (2019). Associations between Family Weight-Based Teasing, Eating Pathology, and Psychosocial Functioning among Adolescent Military Dependents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(1), 24. <https://doi.org/10.3390/ijerph17010024>
- Peebles, R., Wilson, J. L., Litt, I. F., Hardy, K. K., Lock, J. D., Mann, J. R., & Borzekowski, D. L. (2012). Disordered Eating in a Digital Age: Eating Behaviors, Health, and Quality of Life in Users of Websites With Pro-Eating Disorder Content. *Journal of Medical Internet Research*, 14(5), e148. <https://doi.org/10.2196/jmir.2023>
- Pempek, T. A., Yermolayeva, Y. A., & Calvert, S. L. (2009). College students' social networking experiences on Facebook. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30(3), 227–238. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2008.12.010>

- Pereda-Pereda, E., Echeburúa, E., & Cruz-Sáez, M. S. (2018). Anti-fat stereotypes and prejudices among primary school children and teachers in Spain. *Anales de Psicología*, *35*(1), 75–83. <https://doi.org/10.6018/analesps.35.1.311731>
- Perloff, R. M. (2014). Social Media Effects on Young Women’s Body Image Concerns: Theoretical Perspectives and an Agenda for Research. *Sex Roles*, *71*(11–12), 363–377. <https://doi.org/10.1007/s11199-014-0384-6>
- Pont, S. J., Puhl, R., Cook, S. R., & Slusser, W. (n.d.). *Stigma Experienced by Children and Adolescents With Obesity*. http://publications.aap.org/pediatrics/article-pdf/140/6/e20173034/913008/peds_20173034.pdf
- Pont, S. J., Puhl, R., Cook, S. R., & Slusser, W. (2017). Stigma Experienced by Children and Adolescents With Obesity. *Pediatrics*, *140*(6). <https://doi.org/10.1542/peds.2017-3034>
- Prnjak, K., Pemberton, S., Helms, E., & Phillips, J. G. (2020). Reactions to ideal body shapes. *The Journal of General Psychology*, *147*(4), 361–380. <https://doi.org/10.1080/00221309.2019.1676190>
- Puhl, R. M. (2023). Weight Stigma and Barriers to Effective Obesity Care. *Gastroenterology Clinics of North America*, *52*(2), 417–428. <https://doi.org/10.1016/j.gtc.2023.02.002>
- Puhl, R. M., & Lessard, L. M. (2020). Weight Stigma in Youth: Prevalence, Consequences, and Considerations for Clinical Practice. *Current Obesity Reports*, *9*(4), 402–411. <https://doi.org/10.1007/s13679-020-00408-8>
- Puhl, R. M., Wall, M. M., Chen, C., Bryn Austin, S., Eisenberg, M. E., & Neumark-Sztainer, D. (2017). Experiences of weight teasing in adolescence and weight-related

- outcomes in adulthood: A 15-year longitudinal study. *Preventive Medicine*, 100, 173–179. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2017.04.023>
- Radwan, H., Hasan, H. A., Ismat, H., Hakim, H., Khalid, H., Al-Fityani, L., Mohammed, R., & Ayman, A. (2019). Body Mass Index Perception, Body Image Dissatisfaction and Their Relations with Weight-Related Behaviors among University Students. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(9), 1541. <https://doi.org/10.3390/ijerph16091541>
- Ramirez Luque, D. B., Rocha Huaman, N. L., Calizaya-Milla, Y. E., Calizaya-Milla, S. E., Ramos-Vera, C., & Saintila, J. (2023). Body Self-Perception, Dietary Self-Efficacy, and Body Mass Index in Young Adults: A Cross-Sectional Survey. *International Journal of General Medicine, Volume 16*, 193–202. <https://doi.org/10.2147/IJGM.S395281>
- Reel, J., Voelker, D., & Greenleaf, C. (2015). Weight status and body image perceptions in adolescents: current perspectives. *Adolescent Health, Medicine and Therapeutics*, 149. <https://doi.org/10.2147/AHMT.S68344>
- Revranche, M., Biscond, M., & Husky, M. M. (2022a). Lien entre usage des réseaux sociaux et image corporelle chez les adolescents : une revue systématique de la littérature. *L'Encéphale*, 48(2), 206–218. <https://doi.org/10.1016/j.encep.2021.08.006>
- Revranche, M., Biscond, M., & Husky, M. M. (2022b). Lien entre usage des réseaux sociaux et image corporelle chez les adolescents : une revue systématique de la littérature. *L'Encéphale*, 48(2), 206–218. <https://doi.org/10.1016/J.ENCEP.2021.08.006>

- Rodgers, R. F., Slater, A., Gordon, C. S., McLean, S. A., Jarman, H. K., & Paxton, S. J. (2020). A Biopsychosocial Model of Social Media Use and Body Image Concerns, Disordered Eating, and Muscle-Building Behaviors among Adolescent Girls and Boys. *Journal of Youth and Adolescence*, 49(2), 399–409. <https://doi.org/10.1007/s10964-019-01190-0>
- Rolls, B. J., Fedoroff, I. C., & Guthrie, J. F. (1991). Gender differences in eating behavior and body weight regulation. *Health Psychology*, 10(2), 133–142. <https://doi.org/10.1037/0278-6133.10.2.133>
- Rounsefell, K., Gibson, S., McLean, S., Blair, M., Molenaar, A., Brennan, L., Truby, H., & McCaffrey, T. A. (2020). Social media, body image and food choices in healthy young adults: A mixed methods systematic review. In *Nutrition and Dietetics* (Vol. 77, Issue 1, pp. 19–40). Blackwell Publishing Ltd. <https://doi.org/10.1111/1747-0080.12581>
- Rouyan, M., Torab, E., Montazer, S., Agha Babaie, M., Sepahram, S., & Shast Fouladi, K. (2023). Effectiveness of Cognitive-Behavioral Therapy on Body Shaming and Self-Criticism of Obese Adolescents Referred to Nutrition Clinics in Tehran in 2019. *Iranian Journal of Diabetes and Obesity*. <https://doi.org/10.18502/ijdo.v15i1.12210>
- Rubino, F., Puhl, R. M., Cummings, D. E., Eckel, R. H., Ryan, D. H., Mechanick, J. I., Nadglowski, J., Ramos Salas, X., Schauer, P. R., Twenefour, D., Apovian, C. M., Aronne, L. J., Batterham, R. L., Berthoud, H.-R., Boza, C., Busetto, L., Dicker, D., De Groot, M., Eisenberg, D., ... Dixon, J. B. (2020). Joint international consensus statement for ending stigma of obesity. *Nature Medicine*, 26(4), 485–497. <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0803-x>

- Ruiz Lázaro, P. M., Imaz Roncero, C., & Pérez Hornero, J. (2022). Self-esteem, self-image, and school bullying in eating disorders. *Nutrición Hospitalaria*. <https://doi.org/10.20960/nh.04177>
- Russo, L. X. (2020). Associação entre vitimização por bullying e índice de massa corporal em escolares. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(10). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00182819>
- Sanzari, C. M., Gorrell, S., Anderson, L. M., Reilly, E. E., Niemiec, M. A., Orloff, N. C., Anderson, D. A., & Hormes, J. M. (2023). The impact of social media use on body image and disordered eating behaviors: Content matters more than duration of exposure. *Eating Behaviors*, 49, 101722. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2023.101722>
- Savage, J. S., Fisher, J. O., & Birch, L. L. (2007). Parental Influence on Eating Behavior: Conception to Adolescence. *Journal of Law, Medicine & Ethics*, 35(1), 22–34. <https://doi.org/10.1111/j.1748-720X.2007.00111.x>
- Schlüter, C., Kraag, G., & Schmidt, J. (2021). Body Shaming: an Exploratory Study on its Definition and Classification. *International Journal of Bullying Prevention*. <https://doi.org/10.1007/s42380-021-00109-3>
- Schlüter, C., Kraag, G., & Schmidt, J. (2023). Body Shaming: an Exploratory Study on its Definition and Classification. *International Journal of Bullying Prevention*, 5(1), 26–37. <https://doi.org/10.1007/s42380-021-00109-3>
- Schroeder, K., Schuler, B. R., Kobulsky, J. M., & Sarwer, D. B. (2021). The association between adverse childhood experiences and childhood obesity: A systematic review. *Obesity Reviews*, 22(7). <https://doi.org/10.1111/obr.13204>

- Schuck, K., Munsch, S., & Schneider, S. (2018). Body image perceptions and symptoms of disturbed eating behavior among children and adolescents in Germany. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 12(1), 10. <https://doi.org/10.1186/s13034-018-0216-5>
- Schulte, E. M., Bach, C., Berkowitz, R. I., Latner, J. D., & Pearl, R. L. (2021). Adverse childhood experiences and weight stigma: Co-occurrence and associations with psychological well-being. *Stigma and Health*, 6(4), 408–418. <https://doi.org/10.1037/sah0000341>
- Scully, M., Swords, L., & Nixon, E. (2023). Social comparisons on social media: online appearance-related activity and body dissatisfaction in adolescent girls. *Irish Journal of Psychological Medicine*, 40(1), 31–42. <https://doi.org/10.1017/ipm.2020.93>
- Shagar, P. S., Harris, N., Boddy, J., & Donovan, C. L. (2017). The Relationship Between Body Image Concerns and Weight-Related Behaviours of Adolescents and Emerging Adults: A Systematic Review. *Behaviour Change*, 34(4), 208–252. <https://doi.org/10.1017/bec.2018.3>
- Singh, S., Thompson, C. J., Kak, R., Smith, L. N., & Quainoo, N. (2021). Impact of Body Weight Perceptions and Electronic Bullying on Suicide-Related Risk Behaviors among Youth: Results from Youth Risk Behavior Surveillance System, 2015. *Journal of School Health*, 91(1), 29–36. <https://doi.org/10.1111/josh.12974>
- Smink, F. R. E., van Hoeken, D., Dijkstra, J. K., Deen, M., Oldehinkel, A. J., & Hoek, H. W. (2018). Self-esteem and peer-perceived social status in early adolescence and prediction of eating pathology in young adulthood. *International Journal of Eating Disorders*, 51(8), 852–862. <https://doi.org/10.1002/eat.22875>

- Stapleton, P., Luiz, G., & Chatwin, H. (2017). Generation Validation: The Role of Social Comparison in Use of Instagram Among Emerging Adults. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 20(3), 142–149. <https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0444>
- Steinglass, J. E., Berner, L. A., & Attia, E. (2019). Cognitive Neuroscience of Eating Disorders. *Psychiatric Clinics of North America*, 42(1), 75–91. <https://doi.org/10.1016/j.psc.2018.10.008>
- Sundgot-Borgen, C., Stenling, A., Rosenvinge, J. H., Pettersen, G., Friberg, O., Sundgot-Borgen, J., Kolle, E., Torstveit, M. K., Svantorp-Tveiten, K. M. E., & Bratland-Sanda, S. (2020). The Norwegian healthy body image intervention promotes positive embodiment through improved self-esteem. *Body Image*, 35, 84–95. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2020.08.014>
- Sundgot-Borgen, C., Sundgot-Borgen, J., Bratland-Sanda, S., Kolle, E., Torstveit, M. K., Svantorp-Tveiten, K. M. E., & Mathisen, T. F. (2021). Body appreciation and body appearance pressure in Norwegian university students comparing exercise science students and other students. *BMC Public Health*, 21(1), 532. <https://doi.org/10.1186/s12889-021-10550-0>
- Sutter, C., Nishina, A., & Adams, R. E. (2015). How you look versus how you feel: Associations between BMI z-score, body dissatisfaction, peer victimization, and self-worth for African American and white adolescents. *Journal of Adolescence*, 43(1), 20–28. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2015.05.002>
- Suwalska, J., & Bogdański, P. (2021). Social Modeling and Eating Behavior—A Narrative Review. *Nutrients*, 13(4), 1209. <https://doi.org/10.3390/nu13041209>

- Talumaa, B., Brown, A., Batterham, R. L., & Kalea, A. Z. (2022). Effective strategies in ending weight stigma in healthcare. *Obesity Reviews*, 23(10). <https://doi.org/10.1111/obr.13494>
- Tanas, R., Gil, B., Marsella, M., Nowicka, P., Pezzoli, V., Phelan, S. M., Queirolo, S., Stanford, F. C., Pettoello-Mantovani, M., & Bernasconi, S. (2022). Addressing Weight Stigma and Weight-Based Discrimination in Children: Preparing Pediatricians to Meet the Challenge. *The Journal of Pediatrics*, 248, 135-136.e3. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2022.06.011>
- Thompson, J. K., Heinberg, L. J., Altabe, M., & Tantleff-Dunn, S. (1999a). *Exacting beauty: Theory, assessment, and treatment of body image disturbance*. American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10312-000>
- Thompson, J. K., Heinberg, L. J., Altabe, M., & Tantleff-Dunn, S. (1999b). *Exacting beauty: Theory, assessment, and treatment of body image disturbance*. American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10312-000>
- Tomiya, A. J., Carr, D., Granberg, E. M., Major, B., Robinson, E., Sutin, A. R., & Brewis, A. (2018). How and why weight stigma drives the obesity ‘epidemic’ and harms health. *BMC Medicine*, 16(1), 123. <https://doi.org/10.1186/s12916-018-1116-5>
- Trompeter, N., Bussey, K., K Forbes, M., Griffiths, S., Mond, J., Lonergan, A., & Mitchison, D. (2022a). Peer victimization and weight/shape concerns in adolescents: Examining the moderating role of appearance-based rejection sensitivity. *Body Image*, 40, 207–212. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2021.12.004>
- Trompeter, N., Bussey, K., K Forbes, M., Griffiths, S., Mond, J., Lonergan, A., & Mitchison, D. (2022b). Peer victimization and weight/shape concerns in adolescents:

- Examining the moderating role of appearance-based rejection sensitivity. *Body Image*, 40, 207–212. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2021.12.004>
- Trompeter, N., Bussey, K., K Forbes, M., Griffiths, S., Mond, J., Lonergan, A., & Mitchison, D. (2022c). Peer victimization and weight/shape concerns in adolescents: Examining the moderating role of appearance-based rejection sensitivity. *Body Image*, 40, 207–212. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2021.12.004>
- Tuschen-Caffier, B., Bender, C., Caffier, D., Klenner, K., Braks, K., & Svaldi, J. (2015). Selective Visual Attention during Mirror Exposure in Anorexia and Bulimia Nervosa. *PLOS ONE*, 10(12), e0145886. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0145886>
- Tzouvara, V., Kupdere, P., Wilson, K., Matthews, L., Simpson, A., & Foye, U. (2023). Adverse childhood experiences, mental health, and social functioning: A scoping review of the literature. *Child Abuse & Neglect*, 139, 106092. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2023.106092>
- Uchôa, F. N. M., Uchôa, N. M., Daniele, T. M. da C., Lustosa, R. P., Garrido, N. D., Deana, N. F., Aranha, Á. C. M., & Alves, N. (2019). Influence of the mass media and body dissatisfaction on the risk in adolescents of developing eating disorders. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(9). <https://doi.org/10.3390/ijerph16091508>
- van Geel, M., Vedder, P., & Taniol, J. (2014). Are overweight and obese youths more often bullied by their peers? A meta-analysis on the relation between weight status and bullying. *International Journal of Obesity*, 38(10), 1263–1267. <https://doi.org/10.1038/ijo.2014.117>

- Vani, M. F., Pila, E., Willson, E., & Sabiston, C. M. (2020a). Body-related embarrassment: The overlooked self-conscious emotion. *Body Image*, 32, 14–23. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.10.007>
- Vani, M. F., Pila, E., Willson, E., & Sabiston, C. M. (2020b). Body-related embarrassment: The overlooked self-conscious emotion. *Body Image*, 32, 14–23. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.10.007>
- Vartanian, L. R., Nicholls, K., & Fardouly, J. (2023). Testing the Identity Disruption Model among Adolescents: Pathways Connecting Adverse Childhood Experiences to Body Dissatisfaction. *Journal of Youth and Adolescence*, 52(1), 134–148. <https://doi.org/10.1007/s10964-022-01683-5>
- Voges, M. M., Giabbiconi, C.-M., Schöne, B., Waldorf, M., Hartmann, A. S., & Vocks, S. (2019). Gender Differences in Body Evaluation: Do Men Show More Self-Serving Double Standards Than Women? *Frontiers in Psychology*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00544>
- Wang, Y.-C., Moya Guerola, M., Lin, Y.-C., Hsieh, Y.-P., Strong, C., Tsai, M.-C., & Lin, C.-Y. (2019). Effects of childhood adversity and resilience on Taiwanese youth health behaviors. *Pediatrics & Neonatology*, 60(4), 368–376. <https://doi.org/10.1016/j.pedneo.2018.08.004>
- Warnick, J. L., Darling, K. E., & Rancourt, D. (2022). The association between negative body talk and body shame on disordered eating symptoms among college students. *Eating Behaviors*, 46, 101648. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2022.101648>
- Weinberger, N.-A., Kersting, A., Riedel-Heller, S. G., & Luck-Sikorski, C. (2016). Body Dissatisfaction in Individuals with Obesity Compared to Normal-Weight Individuals:

- A Systematic Review and Meta-Analysis. *Obesity Facts*, 9(6), 424–441.
<https://doi.org/10.1159/000454837>
- Wu, S., Liu, J., Xue, Z., Xu, J., Lin, L., Sun, Y., Song, S., Luo, X., & Lu, J. (2023). Association between childhood trauma and affective lability among adolescents: A moderated mediation model. *Journal of Affective Disorders*, 338, 21–31.
<https://doi.org/10.1016/j.jad.2023.05.092>
- Wu, Y., & Berry, D. C. (2018). Impact of weight stigma on physiological and psychological health outcomes for overweight and obese adults: A systematic review. *Journal of Advanced Nursing*, 74(5), 1030–1042. <https://doi.org/10.1111/jan.13511>
- Yang, F., Qi, L., Liu, S., Hu, W., Cao, Q., Liu, Y., Tang, M., Lv, Z., Zhou, Z., & Yang, Y. (2022). Body Dissatisfaction and Disordered Eating Behaviors: The Mediation Role of Smartphone Addiction and Depression. *Nutrients*, 14(6), 1281.
<https://doi.org/10.3390/nu14061281>
- Zainab, W., & Ahmad, S. (2021). Body Image and Disturbed Eating Attitudes Among Adolescents. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 36(3), 413–430.
<https://doi.org/10.33824/PJPR.2021.36.3.23>
- Zuba, A., & Warschburger, P. (2017). The role of weight teasing and weight bias internalization in psychological functioning: a prospective study among school-aged children. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 26(10), 1245–1255.
<https://doi.org/10.1007/s00787-017-0982-2>